

revista

Desafiante

ano I - nº 03 -
05 de junho de 2012



Especial
Meio ambiente

Contos para crianças:
Psilinha Cosmo de Caramelo

Apresentação

A revista Barbante traz nesta edição novos colaboradores e uma nova diagramação dividida por sessões, além de um especial sobre o meio ambiente em comemoração ao Dia Nacional do Meio Ambiente, 05 de junho.

Além de tudo isso presenteamos você, leitor, com uma entrevista do superintendente do IBAMA no Rio Grande do Norte, o dr. Alvamar Costa, que fala sobre o meio ambiente do nosso Estado.

Também trazemos, nesta edição, o livro digital para crianças, de Nivaldete Ferreira, “Psilinha Cosmo de Caramelo”, gentilmente cedido pela autora, e que está esgotado no mercado editorial. Um livro bastante interessante, como já dissemos em edição anterior.

Boa leitura,

**Rosângela Trajano
Editora**



Caderno
especial -
Meio
ambiente

**EU VENHO AQUI EM DEFESA
DA SUSTENTABILIDADE**

(Cordel vencedor do III Prêmio COSERN
de Literatura de Cordel,
na Feira do Livro de Mossoró-RN.)

Autora: **Rosa Regis**

Num trabalho de pesquisa
Eu cheguei à conclusão
Que o que mais se precisa
Neste mundo, meu patrão,
Para um viver de verdade,
É sustentabilidade.
Mas isso requer ação.

Há muitos e muitos anos,
Pode-se dizer assim,
Nós vemos a Natureza
Num sofrimento sem fim:
Sendo toda depredada,
Invadida, ameaçada
De morte por gente ruim.

O meio ambiente sendo
Agredido e massacrado
Numa escala que assusta!
É preciso ter cuidado.

Precisamos nos unir
E cada um tem que agir
Para dar bom resultado.

Pensando no **bem-estar**,
Em **qualidade de vida**
Pra nós e pros nossos filhos,
Da melhor forma devida,
Mudando o comportamento
E sendo um vigia atento,
A luta será vencida.

Às vezes uma açãozinha
Mostra colaboração:
Um papel, uma latinha
Vazia que trago à mão,
Não os jogando na rua,
A minha ação, como a sua,
Faz a diferenciação.

A sustentabilidade

Precisa ser praticada
Não só por um, mas por todos!
Onde, de forma engajada,
Precisamos entender
Dela, seu grande poder.
Torna-la nossa aliada.

Aplicada ao dia-a-dia
Certamente ela trará
Novos jeitos de fazer
As coisas. E sairá
Ganhando, com isso tudo,
O pequeno e o graúdo,
O servente e a Sinhá.

A construção coletiva,
Com ONGS, em união,
Seja uma Universidade,
Seja uma organização
Do setor público a firmar
Parcerias, bem-estar
Trará pra população.

A troca de experiências
Daqueles mais avançados
Vai fazer com que evitem
Os erros já enfrentados.
Se na mesma direção
Estão indo, pois, terão,
Na certa, bons resultados.

É de grande relevância
O assunto. Consciência
Tem-se que ter sobre isso

E agir com competência.
As lideranças que visam
O bem a todos, precisam
Agir com tino e decência.

Há pouco mais de dez anos
As empresas nem queriam
Saber de ambientalismo
E nem isso as constrangiam.
Questões socioambientais,
Para as empresas, banais,
Ou sem valor, pareciam.

Mas hoje a coisa mudou,
É outra a realidade!
O cidadão consciente
Preocupa-se, em verdade,
Ao ver a degradação,
E busca entrar em ação
Por *sustentabilidade*.

O planeta sente as penas
Pela má educação,
Pela ação predatória
Do homem e da aceitação

Disso como algo normal.
Este, agora, vendo o mal,
Tenta a recuperação.

Catástrofes naturais
Estranhas e inusitadas
Nunca vistas no planeta,
Aos nossos olhos, mostradas,
É o castigo merecido
Ao ser humano devido
Suas ações desregradas.

Ações que parecem simples
Ou pouco impactantes,
Tomadas por grandes grupos,
Ver-se-á, são importantes.

A sustentabilidade

Aqui, na realidade,
Tem ótimos resultantes.

Devemos saber que todos
Temos mesmo, por destino,
A dependência um do outro
Do maior ao pequenino.
Uma cadeia com elos,
Na sua essência singelos,
Criada pelo Divino.

O Mundo dos Animais
É um mundo em expansão
Onde a natureza expressa
A diversificação
De bichinhos engraçados,
Que, por serem depredados,
Há muitos em extinção.

E tal extinção se deve
A um deles, que se sente
Com grande poder nas mãos
Por achar-se inteligente:
O homem, um representante
Do saber, um ser pensante
Porém muito inconstante.

O desamor que o homem
Carrega no coração
Pela natureza, o faz
Um ser de destruição:
Com a caça aos animais,
Derrubando os vegetais,
Provoca a depredação.

Em várias partes do mundo
Há grande devastação
De florestas, que o progresso,

Este ser sem coração,
Pratica, às vezes usando,
Pra garantir seu desmando,
A própria Lei da União.

A queima, o desmatamento,
E a venda de animais,
Baixa cobrança de multas
Por crimes ambientais,
São coisas que, certamente,
Causam enjôo na gente
Pois o descaso é demais.

E o que podemos fazer
Pra nossa terra ajudar?
Ajamos com consciência,
Sempre evitando comprar
Mercadoria trazida
De origem desconhecida.
E busquemos reciclar.

A reciclagem, a denúncia
Por crimes ambientais,
O respeito aos nossos rios
E aos hortos florestais,

Já será um grande passo!

Se você faz e eu faço

É incentivo aos demais.

A Amazônia, a Caatinga,

Campos do Sul, o Cerrado,

Mata Atlântica, Pantanal,

De cada um, por seu lado,

Pesquisando, se descobre

O quanto a ação pouco nobre

Deixa um país deserdado.

Atividades agrícolas

De forma não sustentáveis,

As extrações de madeira

Ilegais, inaceitáveis,

Projetos que nada trazem

De bom, e que só mal fazem,

Por serem, em si, não viáveis.

Desmatamento, queimadas,

Pouca fiscalização,

Más ações de governantes

Que esquecem a definição

Das áreas prioritárias,

Pois são verdadeiros párias.

No comando da nação.

O sertão já sofredor,
Com os criadores de gado
E construções de açudes
Vê-se, hoje, ameaçado
Pela salinização
E intensa evaporação
Pelo calor provocado.

No Cerrado, na Caatinga,
O homem, com sua ação,
Contamina solo e água
Pela falta de atenção,
Na ânsia de produzir
Sempre mais sem discernir
O que é bom pra terra, ou não.

A Mata Atlântica, coitada!
Da floresta original,
Tem tão só sete por cento.

E o nosso Pantanal:
Turismo, garimpo, caça
E navegação em massa,
Faz que ele passe mal.

E nossa Zona Costeira
Já pede desesperada,
Sua integridade ecológica
Que vem sendo ameaçada

Por esgotos, construções,
Aterros... As más ações.
Por ninguém é respeitada.

Cuidemos da nossa Terra,
O planeta em que vivemos,
Onde, para que a vida
Seja melhor, nós teremos
Que amá-la, respeita-la
E, assim sendo, cuidá-la.
Não só temos que, devemos.

Tudo que acima foi dito
É pura realidade
A nossa mãe Natureza
Ta sofrendo de verdade.
E ela é nossa riqueza!

**LUTEMOS, POIS, EM DEFESA
DA SUSTENTABILIDADE**

Salve a natureza



ROSÂNGELA TRAJANO

A MAE TERRA ESTÁ MORRENDO

(A pedido de Terepehabe, para a Ciranda:

S. O .S. PLANETA TERRA)

Morrem os peixes em águas poluídas
Desmatamento e queima matam animais
É o homem agindo mal, ceifando vidas
Sem lembrar que a sua vai com as demais.

As espécies animais estão diminuindo
A Mãe Terra, dos seus filhos, a perda chora
E avisa ao homem que está se extinguindo,
De forma galopante, a fauna e a flora.

- O equilíbrio biológico está ameaçado!

“Grita” a Mãe Terra, com “alarmas vermelhos”
Que mostra o perigo que corre a Natureza.

Porém o homem não ouve seus conselhos
E segue em frente, em busca de riqueza,
Matando a si mesmo, como um tresloucado.

Rosa Regis

Natal/RN - 26 de fevereiro de 2007



**UM PESADELO REAL
DE QUEM AMA A NATUREZA**

de Rosa Regis

Depois de um de um dia de luta

Eu resolvi me sentar

Para descansar um pouco

Antes de me preparar

Para a novela das nove

Que a Rede Globo promove

E a ninguém deixa escapar.

Era começo de noite

Com um restinho de dia

De um sol quente de rachar

Que, agora, já esmorecia.

Meu corpo estava “quebrado”

Devido ter trabalhado

Bem mais do que deveria.

Pensando com meus botões

Vi-me a me preocupar

Com o nosso planeta Terra

E passei a rabiscar,

Lembrando que a Natureza

E toda a sua beleza

Pode, um dia, se finar.

Fui encostando a cabeça
Na mesa onde escrevia
Enquanto, de lá de fora,
Um belo trinar ouvia.
Era um bem-te-vi cantando.

Ali eu fui cochilando,
Nem percebi, já dormia.

Quando dormi, eu sonhei
Que estava sobrevoando
O nosso Planeta Terra
Devagarinho, planando,
Como sendo um passarinho
Que sobrevoa seu ninho
Temendo um ataque nefando.

Lá de cima, eu vi o quanto
O ser humano é ruim,
Parece até que só tem
Parentesco com Caim.
Não o estou depreciando
Ou, por maldade, inventando
E nem fazendo pantim.

Porém não generalizo
Afirmando que os humanos
São todos maus! No entanto
Alguns são mui desumanos
Quando, só pelo dinheiro,
Espalham no mundo inteiro
Atos bem pra lá de insanos.

De lá de cima vi homens
Ao planeta devastando:
Poluindo a água dos rios;
Às árvores derrubando
Sem pena, sem compaixão,
Tão somente na intenção
De, com isso, ir enricando.

Animais da nossa fauna
E das de outros países
São mortos sem piedade!
Pelo contrário, felizes
Eles sentem-se em matar
Tão somente pra ganhar.
Seguem suas diretrizes.

Fábricas poluindo o ar,
Milhões de carros também;
A tal camada de ozônio
Já bem muito perto vem.
O gelo está desmanchando.
E o homem está ajudando
A fazer mal, não faz bem.

Animais em extinção,
Por eles não há respeito,
São mortos sob encomenda
E se se aponta um suspeito
Fala mais alto o dinheiro
Que vem de lá do estrangeiro
Acobertando o sujeito.

O mico-leão dourado
Que quase mais não se vê,
Quem fez que o mesmo sumisse
Foi o ser humano, um ser
Que deixou de preservar
A Natureza. E a matar
Passou, para enriquecer.

No meu sonho-devaneio
Eu continuo voando
E, de repente, percebo
Que algo está se passando.
Da nossa mata amazônica
Digo de desgosto, afônica,
Grande parte está queimando.

Logo ali mais adiante
Vejo uma árvore cair,
Seguida de várias outras.
E, no seu tronco, a sorrir,
Um homem trazendo à mão
A arma da sua ação:
A serra elétrica, a luzir.

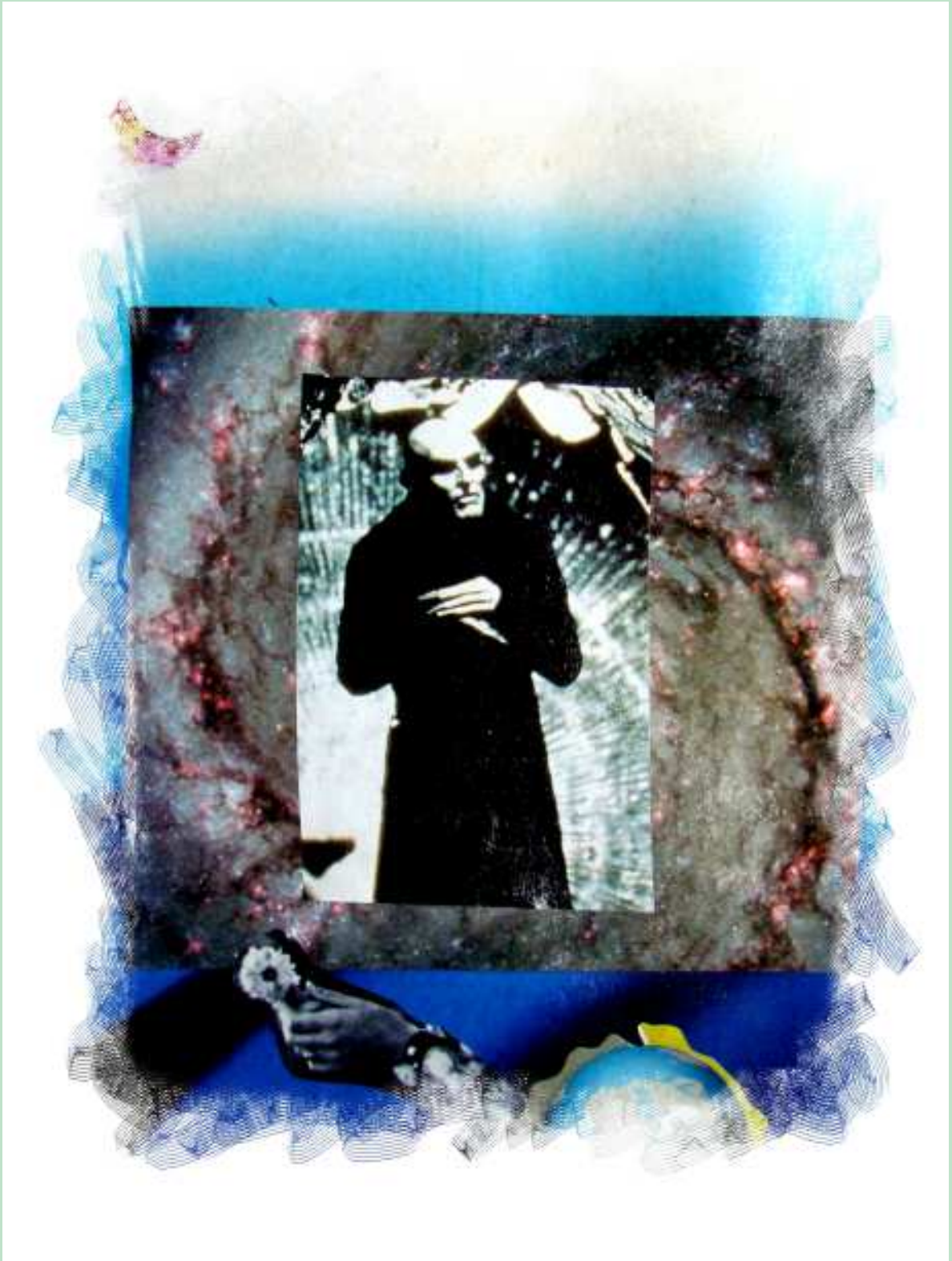
Meu peito fica apertado
Por perceber a maldade
Que carrega o ser humano
Na sua alma, na verdade,
Que não respeita a beleza
Da nossa Mãe Natureza,
Agindo com atrocidade.

Passo à frente, e sobrevôo,
Agora, por sobre um rio
Ou o que restou do mesmo,
Penso, tendo um calafrio.
Pois o lixão da cidade
É o que é em realidade,
Hoje. E, de peixes, vazio.

Crianças tomando banho
No que parece ser lama,
Numa alegria inocente.
Meu consciente conclama
Um pedido de clemência
Para aqueles que a decência
Ainda tem brilho e chama.

De um canção, na gaiola,
Eu ouço o triste cantar!
E um papagaio falando,
Tentando ao dono imitar,
Escuto, e fico irritada.
Eita, gatinha danada!
Ouço a mim mesma, gritar.

Uma arara que, amarrada,
De corrente, pelo pé,
Com um menino, na cabeça,
Fazendo-lhe cafuné,
Diz, num som repetitivo:



JEAN SARTIEF

Arara! Arara!... É motivo
Para apelar para a Fé.

- Meu Deus tende piedade
Do que criaste na Terra!
Pois o homem tá se achando
Dono de tudo! E, assim, erra
Pelo mundo a depredar,
Sem parar para pensar
Que o crescimento ele emperra.

Sem nem se preocupar
Com o que deixa para trás,
Só pensando em conseguir
Bens que mais rico lhe faz,
O ser humano esqueceu
Que o mundo não é só seu.
Sua ambição é voraz.

Vou voando e percebendo
A desarmonização
Que existe na Natureza
Quando o homem, numa ação
Predatória, vai seguindo
Seu caminho destruindo,
Sem qualquer reflexão.

Parece que o coração

Do ser humano secou,
Já não há quaisquer resquícios
Do Amor que Deus deixou.
Eu vejo-me perguntando:
Para que tanto desmando?
Será que o mundo endoidou?

Sociedade em conflito
É o irmão contra o irmão;
É filho agredindo os pais
Fugindo à religião.
Selva de pedra selvagem
Aonde a libertinagem
Troca o valor da ação.

A indiferença humana
Que há pelo semelhante
Nos mostra como a amizade
Já nada vale, diante
Da riqueza, do dinheiro,...
E que o nome “companheiro”,
Hoje, tem som destoante.

Os ideais, quando entra
O interesse monetário,
Caem por terra. O que se vê
É o pensar de modo vario.
Há, pois, poder de barganha,
Quem oferecer mais, ganha.
“Boa ação” por honorário.

Sigo voando e pensando:
Será que há solução?
Será que os seres humanos
Um dia se tocarão
Que estão no caminho errado,
Seguindo por outro lado?
E será a tempo, ou não?

Esses são meus pensamentos
No meu sonho-devaneio
Que eu vejo é interrompido
Por um mosquito, que veio
Atrapalhar meu cochilo.
E agradeço, pois aquilo
Pôs-me o coco em aperreio.

Mas continuei pensando,
Mesmo depois de acordada,
Sobre o problema da Terra
De como ela é depredada.
E aí, pensei comigo:
Vou dividir com um amigo
Para fazer mais zoadá.

Mas, depois, pensei melhor
E disse, pra mim, assim:
Com um não, com muita gente!
Pois que, timentim por timentim,
Eu vou contar num cordel,

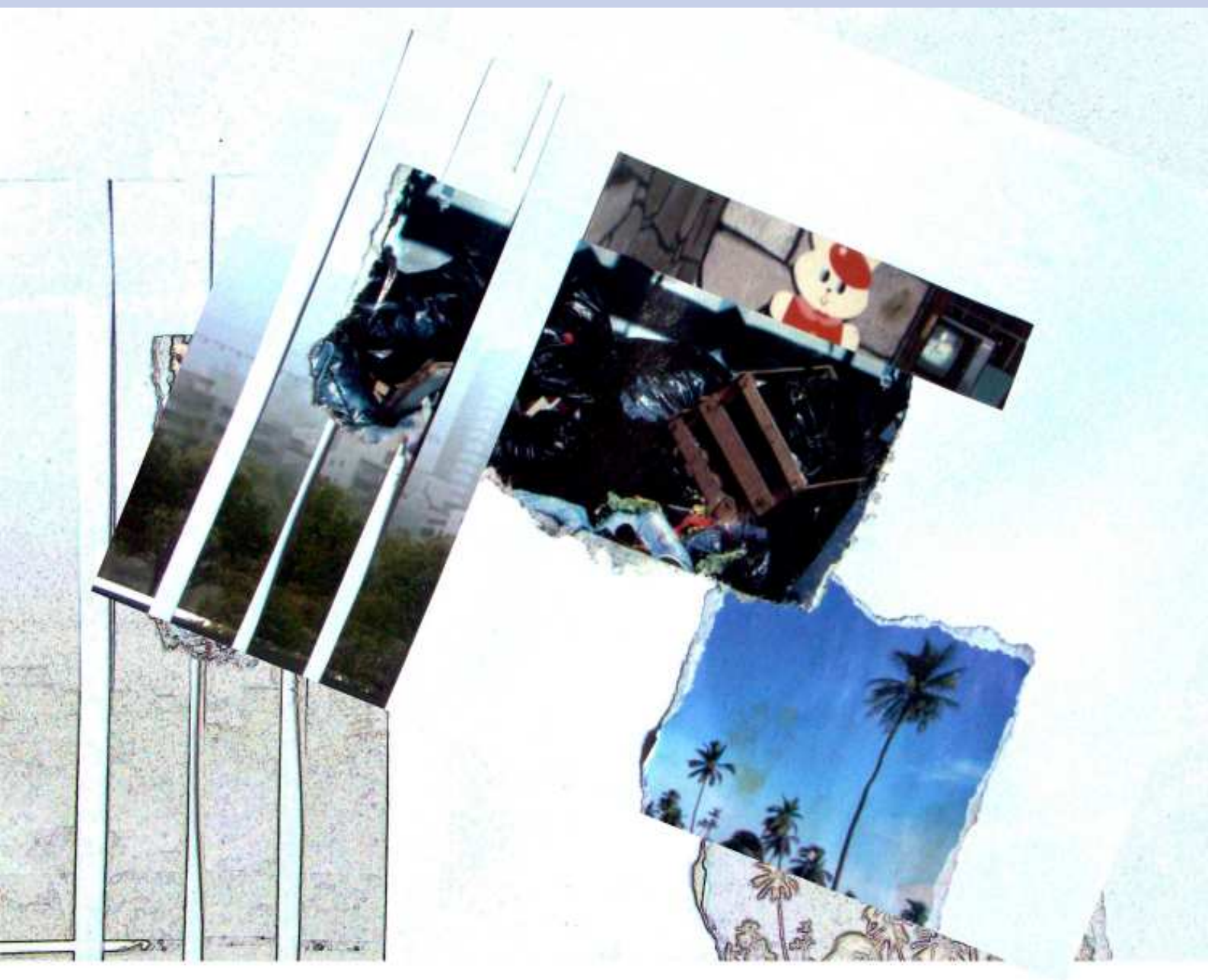
Por o sonho no papel
Para todo mundo, enfim.

Desta forma, estou trazendo
Para quem quiser me ler
Minha preocupação
Com o que pode ocorrer
Com o Planeta, com o Mundo,
Se o homem um pensar profundo
Não vier desenvolver.

Mostrando nesse cordel,
Que pode não ter beleza,
Mas foi gerado, eu afirmo,
Você pode ter certeza,
De um sonho, qual um sinal:
UM PESADELO REAL
DE QUEM AMA A NATUREZA

Natal/RN

13 de julho de 2011



CUIDE DO MEIO AMBIENTE

Se você não tem cuidado
Com o lugar em que mora,
Com a sua residência,
Com o ambiente, com a flora,
Com gastos desnecessários
De água. Mude. Tá na hora.

Não jogue lixo na rua
Pois isso vai provocar
Entupimento de esgoto,
As ruas vão alagar.
O mosqueiro vai cobrir.
O ambiente, infectar.

O lixo da sua casa
Deve sempre estar coberto.
Tenha cuidado com os males
Que lhe causarão, por certo,
Se a vasilha do seu lixo
Estiver a descoberto.

A limpeza Deus amou!
Não devemos andar sujos.
Conserve-se o ambiente
Sem riscos e garatujos.
E limpemos a cidade
Dos terríveis caramujos.

Se você come pipoca
E joga o saco na rua
A sujeira, certamente,
Será, parte, culpa sua.
Não esqueça: a humanidade
Sobre o ambiente atua.

Natal/RN – abril de 2009

Rosa Regis



A criança e o meio ambiente

Por Elaine Mourad

elainemourad@hotmail.com

Rousseau, em um de seus livros, diz que o homem nasce feliz, pois está totalmente imbuído da natureza da qual faz parte e assim viveria, não fosse a vida em sociedade a corrompê-lo.

Observando uma criança brincando, percebemos o quanto disso é verdade.

Apesar de toda tecnologia e brinquedos que fantásticamente fazem tudo sozinhos diante de nossos olhos, constatamos que seu brilho refletido em nossa retina, ainda não ofusca a luz do sol.

Se conseguirmos, na correria de nossas vidas agitadas priorizar um tempo para garantir aos nossos filhos a delícia de um dia ao ar livre, vamos nos surpreender vendo-os transformar areia em castelos de fadas e quartel general, gravetos em varinhas de condão e poderosas espadas, pequenas frutas silvestres em comidinha, tal qual fizemos um dia.

Coincidentemente ou não, no tempo em que crianças espetavam gravetos em bananas e as transformavam em vaquinhas, rolavam na lama, montavam cavalos ou tomavam banho de chuva, não havia problemas ambientais.

É evidente que esta crise ambiental, é resultante do complexo desenvolvimento social econômico, tecnológico, e por que não dizer político, que alcançamos e não tem diretamente relação com a maneira com a qual brincam as crianças, entretanto, para cuidar de algo, precisamos amar e para amar, precisamos conhecer. Como falar sobre meio ambiente à crianças que pensam que o leite vem da caixinha do supermercado?

Não desvalorizo os esforços de uma geração que trabalhou para trazer maior conforto e qualidade de vida à sociedade moderna (pelo contrário), tão pouco desfazer-me de brinquedos caros que entretém (ou entediam?) crianças pelo mundo afora, enquanto seus pais trabalham, faço apenas algumas reflexões acerca de nossa vida civilizada.

Acredito que por mais modernas que sejam as tecnologias criadas pela inteligência humana, por mais complexas e sofisticadas sejam nossas formas de nos relacionar,

continuamos tendo as mesmas necessidades biológicas, emocionais, sociais e psíquicas do início dos tempos.

Estou convencida de que deixar as crianças brincar livremente, junto à natureza, é a melhor maneira de levá-las a sentir-se parte dela, amá-la e respeitá-la, para então mais tarde, entenderem as questões ambientais que permeiam nossa vida.

Precisamos deixar filhos melhores para o nosso mundo. Esta é a melhor forma de ajudar a construir um mundo melhor para nossos filhos.



ROSÂNGELA TRAJANO

Vegetação do Parque das Dunas em Natal-RN



Alvamar Costa de Queiroz, Superintendente estadual do IBAMA no RN, fala sobre o meio ambiente do Rio Grande do Norte.

Qual sua formação?

Tenho Especialização em Educação Ambiental pela Universidade de Brasília, Especialização em Desertificação pela Universidade Federal do Piauí, Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do RN

Qual sua trajetória política e profissional ao longo desses anos?

Na década de 70 fui perseguido pela ditadura e fugi do Estado. Fiquei um tempo no Rio de Janeiro e depois fui morar em Brasília. Durante muitos anos morei em Brasília, até chegar a anistia. Sou anistiado político, nunca deixei a militância. Contribuí com a fundação do PT no Distrito Federal. Continuo no Partido dos Trabalhadores. Sinto-me privilegiado por ter participado das primeiras experiências de educação ambiental no Brasil. Essas experiências se deram no Distrito Federal – BSB. Trabalhei durante muitos anos na Secretaria Especial do Meio Ambiente no DF. Toda minha história de trabalho desde o início da década de 80 foi no meio ambiente. Trabalhei com Unidades de Conservação no Nordeste e depois me fixei na Estação Ecológica do Seridó.

O senhor é casado?

Sim, sou casado e tenho três filhos.

Qual a importância da mata atlântica para o nosso estado?

Em primeiro lugar, diria que a mata atlântica é um patrimônio de todos os brasileiros. Quando pensamos em mata atlântica não podemos perder de vista os ecossistemas associados como restingas, manguezais dentre outros tipos de vegetação. Mesmo tendo sido reduzido drasticamente. A mata atlântica ainda guarda altos índices de biodiversidade e é de fundamental importância para alimentação do nosso aquífero, além da exuberante beleza cênica.

Como o senhor vê o desaparecimento da mata atlântica do nosso litoral?

Eu vejo de forma extremamente preocupante, haja vista a perda da biodiversidade e os serviços ambientais que ela propicia a todos nós. Não podemos perder de vista que a mata atlântica abriga um quantitativo enorme de espécie ameaçada de extinção. A

nossa luta, enquanto órgão ambiental federal, tem sido contínua e, às vezes, inglória em função da dimensão da nossa costa a ser monitorada. A insensatez dos homens, a ignorância de outros, a ganância de alguns que a todo tempo, na calada da noite, golpeiam o que resta. Hoje, com imagem de satélite e o apoio do Ministério Público Federal, tem nos ajudado sobremaneira a combater as ilicitudes praticadas. Para que tenhamos sucesso em nossa empreitada há necessidade de um engajamento maior dos três níveis de poder e de gestores ambientais, assim como, da sociedade civil organizada para que em conjunto, possamos desencadear ações inibidoras da destruição da mata atlântica. Não considero que nós perdemos essa guerra. Há iniciativas isoladas de cidadãos que se sensibilizaram para a preservação e conservação da mata, seja criando Unidades de Conservação, denunciando desmatamento, tráfico de animais silvestres, etc.

Na sua opinião o que poderíamos fazer para plantar mais árvores em Natal?

Uma ideia interessante é a iniciativa a partir dos órgãos públicos sediados aqui na capital com relação a compensação de carbono. Se eu faço essa contabilidade em cada órgão público teremos um quantitativo considerável de espécie a serem plantadas sob a responsabilidade dos mesmos. Neste exato momento, estamos com uma exposição na UNP “Sementes da Mudança” e a própria Universidade, através do Professor Thiago, nos fez essa proposta que prontamente aceitamos. O local para compensar o carbono será no Instituto Federal de Parnamirim e as espécies arbóreas serão fornecidas pelo IDEMA. Iniciativas dessa natureza, embora pontual, já apontam para a possibilidade de ampliarmos o envolvimento de outras instituições. Por último gostaria de dizer que a arborização urbana ameniza a temperatura, aumentando o conforto térmico além de contribuir com a qualidade de vida.

Qual árvore mais chama a sua atenção e por quê? O que acha da xanana?

As árvores que me chamam mais atenção é a caribeira e o pau d’arco. Com relação a xanana sei da sua beleza e do potencial para extração de princípio ativo para fabricação de produtos de beleza.

Qual a diferença entre o pau d’arco e a caribeira?

São espécies arbóreas de suma importância não somente pelo porte, florada e utilidade, caso seja necessário, o seu uso para fins medicinais e até de movelaria. *A Tabebuia caraíba* – Carabeira é uma espécie que atinge até 20 metros de altura, revestida de casca grossa, suberosa, resistente que está presente em diversos ecossistemas brasileiros, inclusive na Amazônia, Nordeste - caatinga, Cerrado e Pantanal

Matogrossense. Uma árvore ornamental, podendo ser usada para paisagismo e revegetação de áreas degradadas.

Ainda é grande o número de pessoas que criam animais silvestres em casa?

A criação de animais silvestres em cativeiro ainda existe. Sei que é cultural e na maioria das vezes as pessoas compram animais silvestres e com o tempo se cansam dos mesmos e abandonam ou entregam ao IBAMA que por sua vez se sente na obrigação de recolhê-los, colocá-los em quarentena, e ato contínuo fazer a soltura ou a entrega em zoológicos. Confesso que fazer esse trabalho é ingrato, pois muitas vezes, aqueles animais retirados das florestas nunca mais terão condições de voltar ao seu *habitat* natural, sendo desta forma destinados a zoológicos. Por outro lado, cada animal desse entregue voluntariamente ou apreendido pelo IBAMA, Polícia Ambiental ou Rodoviária Federal acarreta uma despesa enorme para todos, inclusive o órgão ambiental que alberga, pois é preciso alimentar e cobrir com todos os cuidados para mantê-los saudáveis.

Como o IBAMA procura combater isso?

Fiscalizando, orientando sobre os perigos de manter animais silvestres em cativeiros nas residências. No ano passado, fizemos palestras para os servidores dos Correios uma vez que detectamos que muitos animais silvestres estavam sendo enviados para outros estados pelos Correios. A nossa intervenção foi no sentido de orientar aos servidores para que ficassem atentos na recepção, pois uma vez suspeitando do volume é só chamar o IBAMA. Esse tipo de postura dos Correios tem nos ajudado muito e já desmantelamos grupos de traficantes.

Quanto a venda de pássaros e outros animais em feiras o que o IBAMA tem feito para reduzir essa prática?

Não somente o IBAMA, mas a Polícia Ambiental e a Rodoviária Federal têm realizado batidas nas feiras com o objetivo de coibir esse tipo de prática. Em alguns municípios como Mossoró e Caicó nós conseguimos acabar com a venda de pássaros nas feiras. No momento, estamos construindo um material educativo com a finalidade de trabalhar em algumas feiras. Para tanto, estamos articulando com o Ministério Público Estadual no sentido de fazer um trabalho conjunto, inclusive responsabilizando os administradores com vista a coibir a venda de animais silvestres. Essa nossa preocupação encontra-se voltada, principalmente com relação a arribação que mesmo agindo nos BOMBEIROS, ainda aparece em nossas feiras.

Os maus tratos aos animais domésticos ainda é muito grande. O que o senhor acha disso?

O IBAMA não tem pernas para cobrir um universo tão grande de demandas. Maus tratos a animais domésticos não é somente competência do IBAMA, Não está na Lei com essa exclusividade. Outras instituições como polícia e entidades civis podem ajudar a combater os maus tratos a animais domésticos.

Como o senhor tem visto a introdução das aulas de educação ambiental nas salas de aula?

Educação Ambiental é um tema transversal e deveria permear todas as disciplinas.

Sobre a separação do lixo doméstico o que o senhor gostaria de explicar para o nosso leitor?

Com relação ao lixo acho de fundamental importância a COLETA SELETIVA antes de se pensar nos aterros sanitários. Quando você procede uma coleta seletiva os aterros passam a ter vida longa. Em regiões como seridó, na minha visão, os aterros são tiro no pé. Coleta seletiva é a saída. Por outro lado, quando fazemos a coleta seletiva e separamos o lixo molhado, podemos transformar em composto orgânico e em seguida devolvido às plantas.

Quanto a reciclagem como forma de contribuir com a preservação do meio ambiente e fonte de renda de muitas famílias, é importante que haja uma política maior que valorize essa atividade?

Sem sombras de dúvidas uma política voltada para cuidar dos nossos resíduos é de suma importância. A coleta seletiva deve começar em nossa própria residência. Se você separa o lixo seco do molhado já é um avanço grande. Reciclar sempre é importante. Precisamos atentar bastante para essa onda de reciclar plásticos transformando em brinquedos, etc. Essa prática na maioria das vezes não é reciclar e sim, reutilizar. Existe uma revista que eu sempre leio “Vida Simples”. Nela, tenho encontrado muitos artigos que falam sobre a importância de reutilizar objetos tais como: roupas, moveis etc.

Diz um filósofo que o planeta terra nos foi emprestado para nele morarmos, por isso precisamos cuidar bem dele. O que o senhor acrescentaria nessa citação?

Neste caso eu só ratificaria.

O que o IBAMA tem feito com relação à flora em extinção, tais como o cajá ou o côco catolé em estado natural?

Hoje, toda parte de flora é de competência do IDEMA. No passado recente nós tentamos encampar uma luta com relação aos Carnaubais, porém não há Lei que os proteja. Criar uma Unidade de Conservação nas regiões de carnaúba seria fundamental para mantermos a biodiversidades neste ecossistema.

O que acha da Ecologia contemplar, também, os relacionamentos interpessoais, não se restringindo às relações entre o homem e o meio ambiente? Acredita numa possibilidade de deter a incomunicabilidade, a solidão, a qual, parece, estarmos fadados?

Quando você fala em meio ambiente, envolve tudo, inclusive as relações interpessoais que aponta para a qualidade de vida.



ROSÂNGELA TRAJANO

Abrace a natureza
Proteja as nossas dunas



REGISTROS E DIVULGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS EFETIVADAS NO ENSINO: PRÁTICAS MOTIVADORAS NA TRAJETÓRIA DO PROFESSOR E DOS ESTUDANTES

Elineí Araújo-de-Almeida¹

RESUMO

Este trabalho objetiva refletir sobre vivências acadêmicas produzidas no contexto da sala de aula e que foram divulgadas em fontes de produção acadêmica diversas. Registros de atividades sobre inovações didáticas incluindo à produção de docentes, técnicos, estudantes de pós-graduação e de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foram efetivados no processo do ensino, da pesquisa e da extensão. Sendo estas práticas colocadas como pontos de ênfase na construção do saber, do professor pesquisador, as investigações científicas e as narrativas tornaram-se, então, fontes de documentos para motivar os interesses dos estudantes e de professores envolvidos com a questão na busca de conhecimentos sobre a Biodiversidade.

Palavras-chave: aula como investigação, inovações no ensino; narrativas pedagógicas.

A SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO E DISSEMINAÇÃO DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS

O presente trabalho se fundamenta numa proposta de tornar públicas algumas informações sobre vivências didáticas significativas, em função de se ter o momento da sala de aula como instrumento de produção de relatos narrativos da experiência pedagógica. Nesse sentido, Suárez (2008: 103) afirma que:

a documentação narrativa de experiências pedagógicas é uma modalidade de pesquisa-ação-formação orientada para reconstruir, tornar públicos e interpretar

os sentidos e significações que os docentes produzem e põem em jogo quando escrevem, lêem, refletem e conversam, entre colegas sobre suas práticas educativas.

De acordo com Souza (2006: 94): “as narrativas constituem-se como singulares num processo formativo, porque se assentam na transação entre diversas experiências e aprendizagens individual/coletiva.”.

Para Zabalza (2004), os registros de atividades acadêmicas, quando refletidas pelo professor, servem como documentários de práticas para valorização das impressões acerca do que vai acontecendo nas aulas, de modo que são úteis também como documentos ou narrações autobiográficas. Estas práticas também podem ser utilizadas para o professor continuar se aprimorando no exercício da docência.

Segundo Moita (2007: 114), a preocupação com a “eficácia” da formação inicial e continuada aparece normalmente ligada às questões dos modelos e estratégias utilizados, da sua adaptação à evolução do papel do professor e educador e à diversidade dos contextos em que a ação educativa vai se desenvolver, da preparação para a investigação e para a inovação.

Na perspectiva da formação continuada, o Ministério da Educação vem estimulando nas Universidades brasileiras, a realização de cursos de atualização pedagógica para seus professores, principalmente para aqueles recém-ingressos nos seus quadros. Pois, formar-se, nas palavras de Moita (*id.*: 115), “impõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações”.

Seguindo as propostas do Relatório da Unesco organizado por Delors (2001), o qual teve a contribuição de uma “Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI”, devem ser quatro os pilares da Educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os

outros e aprender a ser. Agir nesse sentido é uma forma de se contribuir para a melhoria da qualidade de ensino em qualquer nível acadêmico.

Para se promover um ensino nesse sentido é necessário que se passe por reflexões que possam visualizar a carreira acadêmica, sobre o percurso profissional e sua evolução. Para isso se vê em Nóvoa (2007) que, relatando-se as experiências pessoais no percurso de ensino, avalia-se sob novos sentidos a formação do educando, e ao mesmo tempo se busca transformar os fazeres da docência em material de pesquisa e análise, um elemento investigativo, já bem reconhecido pela Pesquisa Autobiográfica (ver PASSEGGI, 2008; PASSEGGI; BARBOSA, 2008a; PASSEGGI; BARBOSA, 2008b).

O objetivo deste trabalho foi, então, documentar acerca de algumas experiências didáticas vivenciadas no percurso da sala de aula que receberam uma contextualização pedagógica em torno dos conteúdos conceituais e se constituíram documentos públicos passíveis de apreciações críticas.

PERCURSO DE CONSTRUÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA

A reflexão aqui em destaque teve como ponto de partida os saberes conduzidos em sala de aula em disciplinas do curso de Graduação em Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte vinculados a projetos de Ensino, Pesquisa de Extensão e proporcionados pelas Pró Reitorias: Graduação (Prograd), Pesquisa (Propesq), e de Extensão (Proex), respectivamente. Incluíram-se entre as disciplinas-foco: Zoologia, Biodiversidade (obrigatórias) e Metodologia Científica aplicada à Zoologia (complementar), as quais são disciplinas cadastradas no Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia (DBEZ), Centro de Biociências, UFRN. A maior parte dos envolvidos no estudo são alunos recém ingressos e que estão recebendo algumas direções sobre Metodologia Científica como diretriz para montagem de texto científico envolvendo os temas zoológicos em disciplinas obrigatórias ou complementares.

Os procedimentos metodológicos enfatizados no percurso da sala de aula envolveram a construção de conhecimentos tendo se iniciado com a fase de mobilização, seguindo as considerações de Vasconcellos (2005) acerca das dimensões de um trabalho pedagógico construtivista: “mobilização do conhecimento”, “construção do conhecimento” e “elaboração de síntese”.

Após a condução de atividades didáticas durante o processo de ensino enfatizando o tema Zoologia voltado para as produções cientificamente organizadas dos alunos, como explicitado em Araújo-de-Almeida (2009b, 2010), obteve-se um largo número de trabalhos que foram divulgados em eventos científicos diversos. As construções científicas efetivadas pelos alunos foram orientadas pelo professor ministrante da disciplina, sendo, neste caso a professora autora desse relato de experiência

A partir do ano de 2008, agregou-se aos conhecimentos zoológicos trabalhados no ensino, a temática comemorada nas mídias diversas no contexto internacional. Sendo assim, as produções didáticas receberam uma ênfase adicional e ainda passaram por refinamentos no momento de divulgá-los em fontes científicas diversas. Foram inseridos, então na proposta de produção do conhecimento zoológico, o tema de comemoração do Internacional destacado de 2008 à 2011), envolvendo: Seleção Natural (2008), Evolução (2009), Biodiversidade (2010) e Florestas (2011).

REFLEXÕES SOBRE OS DOCUMENTOS PEDAGÓGICOS PRODUZIDOS

O registro sistemático sobre as experiências didáticas teve como início a publicação da primeira edição do livro **Ensino de Zoologia**: ensaios didáticos, organizado por Araújo-de-Almeida (2007) e contando com a colaboração de professores vinculados ao ensino e pesquisa em Zoologia do Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia, Centro de Biociências, UFRN, como também, alunos da pós graduação que se vincularam a estágios à docência e também alunos da graduação.

Sendo estes, monitores ou estudantes de iniciação científica. Na atualidade, este livro encontra-se em sua segunda edição (ver ARAÚJO-DE-ALMEIDA, 2009).

Outro documento significativo que reuniu uma diversidade de trabalhos produzidos pelos alunos do Curso de Graduação em Ciências Biológicas correspondeu aos Anais do I Seminário sobre Biodiversidade do DBEZ-UFRN, efetivado em 2008. Alguns dos trabalhos inseridos nessa produção foram publicados no livro organizado por Barbosa, Paz e Jost (2009), referente aos Anais do Congresso de Biólogos (CONGREBIO 2009), realizado na cidade de João Pessoa, Paraíba, em comemoração aos 30 Anos da Profissão Biólogo no Brasil. As considerações e análises sobre as produções dos estudantes foram discutidas e avaliadas no artigo desenvolvido por Araújo-de-Almeida (2009a), inicialmente divulgado em evento de pesquisa em Ensino de Ciências e posteriormente sendo reapresentado em periódico científico da área de educação científica (ver ARAÚJO-DE-ALMEIDA, 2010).

Experiência efetivada no percurso do ensino também foi concretizada em 2009, ao ser comemorado o Ano Internacional da Evolução. Foi montada uma coletânea de trabalhos produzidos por professores, alunos e técnicos envolvidos com os conhecimentos sobre Biodiversidade. Reuniram-se, no conjunto, algumas das produções referentes às pesquisas empíricas sobre animais e suas associações com vegetais, e relatos de experiências divulgados em eventos ocorridos no período de 2004 (ano de início das produções realizadas na sala de aula voltadas para alunos do Curso de Ciências Biológicas – UFRN) até o ano de 2009. Somou-se um total de 150 trabalhos que foram disponibilizados como fonte de informação para que os alunos, em anos posteriores, tomassem como ponto de partida para as contextualizações de seus textos acadêmicos. Muitas das construções textuais documentando atividades da sala de aula foram inéditas e algumas delas foram publicadas em Anais de eventos diversos: CONGREBio, edição 2009 (ver BEZERRA et al., 2009; CUNHA et al., 2009); CONGREBio 2010, realizado em Campina Grande/Paraíba, exemplificando com os

trabalhos de Bentes Neto et al. (2010) e Marques et al. (2010); XXVIII Congresso Brasileiro de Zoologia – XXVIII CBZ, efetivado em Belém/Pará, destacando os trabalhos de Costa et al. (2010) e Florentino et al. (2010), e 62º Encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – 62ª SBPC, que ocorreu em Natal/Rio Grande do Norte (ver BARBOSA et al., 2010; SANTOS et al., 2010). Pelo significado histórico que vem tomando essa junção de trabalhos produzidos entre 2004 - 2009, no percurso do ensino de Biodiversidade, análises sobre essas construções estão sendo efetivadas, principalmente por ressaltar os aspectos lúdicos no processo de ensino-aprendizagem.

O ano de 2009 foi muito promissor para o desenvolvimento de trabalhos realizados na sala de aula, chegando a envolver a participação efetiva dos alunos do Curso de Ciências Biológicas, até mesmo, em atuação na Área de Proteção Ambiental Jenipabu, uma Unidade de Conservação situada em área litorânea do Estado do Rio Grande do Norte/Brasil. Os trabalhos que envolveram a contextualização dos conhecimentos sobre Biodiversidade com esta Área de Proteção foram publicados inicialmente em Evento Científico promovido pela UFRN, Natal/RN, e adicionalmente, inseridos nos Anais do XXVIII CBZ, 2010, no ano Comemorativo da Biodiversidade, e também na 62ª SBPC. Considerações sobre as produções divulgadas no XXVIII CBZ estão em Araújo-de-Almeida et al. (2010), trabalho abordando sobre a produção e divulgação de conhecimentos acerca dos invertebrados marinhos na perspectiva da conservação da biodiversidade na Apa Jenipabu.

No ano de 2010 enfatizou-se, no percurso da sala de aula, a temática do Ano Internacional da Biodiversidade. Algumas dessas construções científicas estão publicadas nos Anais do Congresso de Biólogos (CONGREBIO 2010), realizado em Campina Grande, Paraíba/Brasil. Outras ainda se encontram inéditas.

Para 2011, entrou em foco o Ano Internacional das Florestas e, nesse contexto, a disciplina Metodologia Científica aplicada à Zoologia, que foi ministrada em período de férias, ganhou o destaque principal. As discussões e direcionamentos em torno do processo de aprendizagem sobre

regras de metodologia científica estiveram voltados para a importância das florestas na manutenção da biodiversidade. Algumas produções estão publicadas nos Anais do Congresso Nordestino de Ecologia, realizado em Recife, Pernambuco/Brasil. Dois dos trabalhos publicados (ver FREIRE et al., 2011; COSTA et al., 2011) centram as análises nas polêmicas questões da mudança do Código Florestal Brasileiro, que teve no ano de 2011 uma grande repercussão na mídia, inclusive a internacional.

Vale destacar que o saber aplicado nas disciplinas, envolvendo informações sobre Zoologia e Metodologia Científica, depois de documentado em fontes de divulgação científica tornaram-se conteúdos informativos trabalhados em sala de aula como fonte de conhecimento como modelo para outras produções e também como um registro efetivado em um determinado lugar e tempo. Sendo assim, de acordo com Suárez (2008) e Souza (2006), passam a ser documentos históricos também de importância para a pesquisa (auto)biográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a forma pela qual os conhecimentos são tratados na sala de aula, à medida que os alunos vão participando do processo de construção do conhecimento desenvolvendo uma produção textual, seguindo o modelo de um artigo científico, eles se apropriam das informações acerca do movimento de como ler e entender as idéias divulgadas nas fontes acessíveis para estudo, principalmente para os estudantes em nível de graduação. E, em função da importância de se tomar a sala de aula como local de ensino e pesquisa, destaca-se com ênfase, a necessidade de se comunicar os dados que envolvem os elementos pedagógicos colocados sobre a aprendizagem no percurso do ensino.

Neste sentido, é relevante que as produções sejam divulgadas em diferentes momentos: exposições, eventos científicos, cursos e minicursos de extensão, periódicos acadêmicos, livros e

capítulos para que se possam registrar os interesses na busca do saber construir e vir a ser. Sendo assim, as fontes de documentação tornam-se úteis para motivar os estudantes, não somente no processo de ensino-aprendizagem, mas para enriquecerem seus currículos durante o período de formação na graduação, demonstrando, assim, a importância dos conhecimentos vivenciados frente a outras realidades acadêmicas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO-DE-ALMEIDA, E. (Org.). **Ensino de Zoologia**: ensaios didáticos. João Pessoa: EdUFPB, 2007.
- ARAÚJO-DE-ALMEIDA, E. (Coord.). **Anais do I Seminário sobre Biodiversidade do DBEZ-UFRN**. Natal: EdUFRN, 2008.
- ARAÚJO-DE-ALMEIDA, E. Construção de conhecimentos em Zoologia: uma interação entre o científico e o lúdico. In: **VII Nacional de Encontro de Pesquisadores em Educação em Ciências**. Florianópolis/SC: VII ENPEC, 2009a.
- ARAÚJO-DE-ALMEIDA, E. (Org.). **Ensino de Zoologia**: ensaios interdisciplinares. João Pessoa: EdUFPB, 2009b.
- ARAÚJO-DE-ALMEIDA, E. Suportes didáticos e científicos na construção de conhecimentos sobre Biodiversidade: ênfase aos conteúdos de Zoologia. **Experiências em Ensino de Ciências (UFRGS)**. v. 5, p.135 - 145, 2010.
- ARAÚJO-DE-ALMEIDA, E. et al. Produção e divulgação de conhecimentos sobre os invertebrados marinhos: uma evidência à conservação da biodiversidade na Apa Jenipabu/RN-Brasil. In: SEABRA, G.; SILVA, J. A. N.; MENDONÇA, I. T. L. (Org). **A Conferência da Terra**: aquecimento global, sociedade e biodiversidade. João Pessoa: EdUFPB, 2010, v.01, p. 282-288.
- BARBOSA, J. E. L.; PAZ, R.; JOST, A. H. (Org.). **Congresso Nordestino de Biólogos**: 30 Anos da Profissão Biólogo no Brasil. João Pessoa: EdUFPB, 2009.
- BENTES NETO, Roberto Protásio et al. Kämpthozoa, Cyclophora, Mollusca e associações com as algas: aprendendo conceitos morfológicos e filogenéticos por meio de xote ecológico In: Anais do Congresso Nordestino de Biólogos, Campina Grande/PB: Congrebio 2010.
- BEZERRA, J. G. et al. Gnathifera: os negligenciados também estão na moda. . In: BARBOSA, J. E. L.; PAZ, R.; JOST, A. H. (Org). **Congresso Nordestino de Biólogos**: 30 Anos da Profissão Biólogo no Brasil. João Pessoa: EdUFPB, 2009.
- COSTA, M. L. et al. O mundo microscópico da Lagoa de Jenipabu/RN: evidenciando o táxon Rotifera. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Zoologia**. Belém/PA: XXVIII CBZ, 2010.
- COSTA, M. L. et al. Mudança no regimento florestal: como aplicar a sustentabilidade? In: **XIII Congresso Nordestino de Ecologia**, 2011, Recife/PE.
- CUNHA, J. R. et al. Platyhelminthes e Nemertea: uma abordagem filogenética interativa abrangendo a associação com algas através da ludicidade. In: BARBOSA, J. E. L.; PAZ, R.; JOST,

- A. H. (Org.). **Congresso Nordestino de Biólogos: 30 Anos da Profissão Biólogo no Brasil**. João Pessoa: EdUFPB, 2009.
- DELORS, J. (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 2001.
- FLORENTINO, H. K. A. et al. Observando os Polychaeta da Praia de Santa Rita (Apa Jenipabu) para a perspectiva da conservação. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Zoologia**. Belém/PA: XXVIII CBZ, 2010.
- MARQUES, D. E. S. et al. Estudo sobre Porifera e Cnidaria da Praia de Santa Rita, Extremoz/RN: para vivenciar o científico e o lúdico. In: **Anais do Congresso Nordestino de Biólogos**. Campina Grande/PB: Congrebio 2010.
- MOITA, M. C. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 2007.
- NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 2007.
- PASSEGGI, M. C. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EdUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica-Educação, nº 5).
- PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EdUFRN; São Paulo: Paulus, 2008a. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica-Educação, nº 5).
- PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Org.). **Narrativas de formação e saberes biográficos**. Natal: EdUFRN; São Paulo: Paulus, 2008b. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica-Educação, nº 6).
- PEREIRA, B. D. M. et al. Aprendendo sobre os nematódeos e desenvolvendo empatias para com os animais. In: **Anais do 62º Encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. Natal/RN: 62ª SBPC 2010.
- SANTOS, R. L. et al. Porifera e Cnidaria da praia de Santa Rita/RN: em busca de uma aprendizagem sobre os ambientes recifais para fins de conservação. In: **Anais do 62º Encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. Natal/RN: 62ª SBPC 2010.
- SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Salvador: EdUNEB, 2006.
- SOUZA, B. F. et al. Conteúdos informativos acerca dos anfíbios e a perspectiva da reforma do Código Florestal (lei 4771/65). In: **XIII Congresso Nordestino de Ecologia**, 2011, Recife/PE.
- SUÁREZ, D. H. A documentação narrativa de experiências pedagógicas como estratégia de pesquisa-ação-formação de docentes. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. **Narrativas de formação e saberes biográficos**. Natal: EdUFRN, 2008.
- VASCONCELLOS, C. S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Liberdade, 2005.
- ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

(Notas)

¹ Professora de Zoologia (Laboratório de Taxonomia e Filogenia) do Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia/DBEZ, Centro de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Av. Sen. Salgado Filho, Lagoa Nova, 59.072-970, Natal/RN

E-mail: elineiaraujo@yahoo.com.br

A produção intelectual dos últimos cinco anos envolve: organização de um livro de “Ensino de Zoologia” publicado em 2007 e reeditado em 2009; produção de artigos escritos individualmente, quanto em autoria com outros participantes, sendo a primeira autora ou mesmo colaboradora de vários trabalhos publicados em periódicos, capítulos de livros e em Anais de Congressos, desde os locais aos internacionais.



JEAN SARTIEF

Projeto Meio Ambiente e Lixo

Maria de Fátima Dantas da Silva

Maria das Graças da Cunha

Apresentação:

Observando a necessidade de trabalhar no âmbito escolar com a educação ambiental, por acreditar que a escola é um veículo com grandes poderes de transmissão de pensamento e também auxiliadora no processo de construção de conhecimento, esse projeto também apresenta propostas de aulas que despertem em nossos alunos a consciência de que o lixo pode ser reaproveitado, podendo inclusive, ser usado na confecção de ricos e criativos materiais didáticos, que servirão de instrumento para enriquecer as aulas, facilitando o processo de ensino e aprendizagem da Escola Municipal Cônego Pedro Paulino – Mendes/ São José de Mipibu-RN, gerando assim, uma oportunidade de estudo e interação com o meio ambiente, de forma que ocorra a participação efetiva dos alunos, favorecendo higiene e melhoria na qualidade de vida.

Objetivo geral:

Incentivar os alunos a preservar o meio ambiente através de atitudes simples, mostrando que as pequenas ações são grandes passos para mudar a realidade do meio no qual estão inseridos.

Objetivos Específicos:

- Estimular para que perceba a importância do homem na transformação do meio em que vive e o que as interferências negativas têm causado à natureza;
- Desenvolver e estimular na criança a criatividade;
- Estimular a leitura e a escrita;

- Desenvolver os conhecimentos lógicos matemáticos (quantidades, adição, subtração);
- Desenvolver a oralidade, a socialização;
- Proporcionar o contato e o uso dos recursos tecnológicos como aliados ao processo de aprendizado e também ao processo de preservação do meio ambiente.
- Despertar em nossos alunos a consciência de que praticamente todo o lixo pode ser reaproveitado, podendo inclusive, ser usado na confecção de materiais didáticos alternativo..
- Possibilitar o desenvolvimento de práticas pessoais cuidando da coleta seletiva dos resíduos, visando a melhoria da qualidade de vida.

Público Alvo

Este projeto é destinado a criança de 7 a 8 anos em fase de alfabetização cursando o 2º e 3º do ensino fundamental I.

Disciplinas envolvidas e conteúdo a ser trabalhado em cada uma:

O projeto abrangerá de forma interdisciplinar as disciplinas de:

- Língua portuguesa (leitura e escrita, identificação de gêneros textuais, tais como: poemas, histórias em quadrinhos, ouvir e expressar idéias e opiniões),
- Matemática (quantidade, adição e subtração),
- Artes (recorte, colagens, pintura, desenhos, fotografar, assistir a exibição de vídeo “Salve o planeta “(turma da Mônica) , leitura visual e confecção de brinquedos),

- Geografia: paisagens naturais e paisagens transformadas, modos de vida diferentes, Lixo (limpeza e conservação do lugar onde vivemos), poluição que modifica e degrada o ambiente ao nosso redor e no planeta.
- Ciências: Seres vivos e não vivos, recursos naturais (Sol, Água, Ar, Terra, plantas e animais), poluição, lixo reciclável e orgânico, preservação do meio ambiente.
- Ensino religioso: Valores Morais, tais como: amor, respeito entre outros relacionados com o ambiente em que vivemos e com todos (animais, plantas e o planeta)

Recursos didáticos - Mídias e tecnologias disponíveis para integrar, explicitando o seu uso:

- Informática e mídias digitais (câmera fotográfica digital);
- TV e Vídeo;
- Impressa (Histórias em Quadrinhos, Livros, Poemas, Revistas Impressas e atividades xerografadas).

Atores e papéis que deverão desempenhar:

- Professores; (Mediadores do processo de ensino aprendizagem)
- Alunos; (construtores do próprio conhecimento)
- Outros (animais domésticos e silvestres que farão parte do processo de observação e debates entre os mediadores e construtores do conhecimento)

Duração e Período de realização: 10 aulas ou 02 semanas.

Critérios de Avaliação da atividade:

- Durante o processo: Observação do empenho dos alunos e desenvolvimento das atividades propostas;
- Ao final da execução do projeto: Culminância com a exposição dos trabalhos de artes e textuais, cartazes, mural de fotos e brinquedos confeccionados com materiais reciclados.

Socialização/divulgação dos resultados (na escola): Na ocasião da exposição dos trabalhos dos alunos.

Referências bibliográficas:

BATITUCI, Graça – GONZALES, Conceição. **Maneira lúdica de ensinar**. Belo Horizonte: fapi, 2001.

LIMA, Regina Célia Vilaça – PINTO, Gersa Rodrigues. **O dia a dia do professor**. Belo Horizonte: fapi. 2000.

PROJETO BURITI, **Ciências**. Organizadora editora moderna; – 1 ed- São Paulo, 2007.

PROJETO BURITI, **Geografia**. Organizadora editora moderna; 1 ed – São Paulo, 2007.

SITE, <http://portaldoprofessor.gov.br>

SITE, www.uol.com.br/ecokids/



RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

A FILOSOFIA E O MEIO AMBIENTE NAS SALAS DE AULA DA ESCOLA MUNICIPAL SÉRGIO DE OLIVEIRA AGUIAR, GENIPABU, EXTREMOZ, NATAL-RN

(DE QUANDO TUDO É AMIGO, DE QUANDO TUDO É SABER, DE QUANDO TUDO É BICHO QUE BICHO SOU)

Rosângela Trajano da Silva

Licenciada em filosofia e mestra em literatura comparada.

AS ÁGUAS DO MAR E OS SONHOS DENTRO DA SALA DA AULA

O barulho da minha sala de aula era igual ao das ondas do mar, ali bem próximo de nós. Era só esticar o braço e alcançar o mar trazendo-o para o nosso mundo de sonhos e criatividade. E ele sempre vinha assistir aula conosco, o mar, o senhor mar dos meninos de Genipabu.

Era uma disciplina de filosofia e discutíamos sobre a origem das coisas, numa turma de sexto ano com alunos dos doze aos dezessete anos. A maior parte fora da faixa escolar. Desanimados com o ensino-aprendizagem de alguns professores iam esses alunos fora de faixa para escola em busca de si, sim, isso mesmo iam em busca de si, porque já não se encontravam lá fora. Na escola, ao menos, eles sabiam que havia um pouco deles entre os amigos, o diretor e até mesmo alguns professores.

O diálogo que surgiu entre a turma começou com a água, estávamos estudando o filósofo Tales de Mileto que, segundo seu pensamento, a origem das coisas surgiu na água. Assim como tudo surgiu na água, a ideia de falar sobre animais também veio a partir da água. Explico-me melhor. Conversando sobre a necessidade da água um dos alunos falou das pessoas que morrem de sede e um outro aluno no fundo da sala, de onde vinham os mais curiosos diálogos, questionou que as pessoas ao menos podiam pedir um copo d'água e os animais nem isso podiam fazer. Foi Eduardo quem levantou-se da sua carteira e disse com a sua voz de tudo sabe sobre animais: pede, sim, seu besta, do jeito deles. Questionei Eduardo como era o jeito dos animais pedir água. Ele me respondeu: - Cocoricó, miau, au au, muuumm. Agora se os humanos vão entender professora aí é outra história que a senhora bem podia inventar, concluiu Eduardo.

Sim, segui a sabedoria do meu aluno Eduardo e comecei a inventar histórias de bichos falantes para ensinar filosofia. Ao mesmo tempo que ensinava filosofia passava os conceitos do meio ambiente para eles. Tivemos momentos lindos e eternos. Durante a noite, em casa, eu ficava imaginando qual história contaria, qual bicho eu seria na próxima aula, e preparava toda a minha aula. Mas quando chegava na sala de aula os alunos escolhiam o animal que queriam que eu fosse. A minha aula preparada nunca dava certo. Foi quando decidi parar de preparar as minhas aulas para o sexto ano. Eles sabiam o que queriam, eu quem não estava sabendo o que fazer com aqueles alunos ávidos por conhecimento de filosofia e meio ambiente.

Inventava as histórias no meio da aula. Não tínhamos a política do certo ou errado, do moral ou imoral. A nossa política era do saber, da curiosidade, da investigação e da admiração. E foi numa dessas aulas em que eu ou me virava em bicho ou trazia os bichos para minha vida que os alunos pediram para eu contar uma história sobre as cigarras. Essa foi talvez a mais linda história que já contei na minha vida. Contei para eles que nos finais das tardes de verão as cigarras costumavam cantar nas árvores ao redor da minha casa, era um canto bonito, um canto que encantava

as pessoas. Eles me perguntaram: como é se encantar? Pensei em dizer que era ficar maravilhado, mas preferi levar o assunto ao mundo da imaginação e disse que quem parava para ouvir o canto das cigarras ia para um mundo diferente, o mundo das virtudes. Depois de explicar o que era o mundo das virtudes a maior parte dos alunos disse que já conhecia esse mundo e que realmente as cigarras tinham um canto muito forte e que causava mal a si mesmas. Pedi para que me explicassem melhor aquilo. Eles me disseram que quando as cigarras cantam explodem e deixam de existir. Demonstrei grande admiração com aquele novo conhecimento. E perguntei: se elas não suportam o próprio barulho imagine a gente? Concordaram comigo, mas discordaram quando eu tornei a perguntar: então aqui na sala vai ter um monte de explosões qualquer dia desses. Eles sorriram. Foi uma ponte para eu falar sobre os decibéis e assim a nossa aula entrava e saía de uma disciplina.

AVALIAÇÃO ESPANTOSA DE NÚMERO 1

Como toda escola havia um calendário de avaliação para ser cumprido bimestralmente. E lá vinha eu com as minhas avaliações. Era o ano de 2007, os alunos do sexto ano nem imaginavam o que eu pediria naquela prova do quarto bimestre em que muitos deles estavam quase reprovados, alguns necessitando de dez. Vale salientar que os alunos que ficavam necessitando de notas altas eram os que menos participavam dos diálogos em sala de aula, mas eles nunca ficaram reprovados, porque, de certa forma, eu sabia que havia a timidez, a dificuldade de se expressar oralmente ou por escrito, a falta de interesse pelo assunto e a própria desmotivação com a escola. Cheguei à sala de aula do sexto ano às sete horas em ponto. As cigarras estavam quase explodindo de tanto barulho.

A avaliação era para eles desenharem um animal virtuoso. Eduardo como sempre perguntou: só isso? Eu disse: só. Eles não sabiam que desenhando o animal virtuoso estavam desenhando a si mesmos e uma das suas virtudes.

Para meu espanto, na correção das avaliações me surpreendi ao pegar a prova do aluno Yuri, conhecido por prejudicar as aulas dos demais professores com brincadeiras e sem estímulo para aprender, ele desenhou um passarinho dando algo (como não dava pra identificar direito o que estava desenhado ele puxou um traço e escreveu logo acima “pão”) para uma menina, e um balão que saía da boca da menina dizendo: me dê uma esmolinha pelo amor de Deus. Deduzi que o passarinho de Yuri estava praticando a caridade.

Creio que foi coincidência ou talvez o carinho pelo mesmo tipo de animal que Eduardo desenhou um passarinho e pintou ele todo de azul dizendo a famosa frase do filósofo Sócrates que eu vivia a repetir-lhes: só sei que nada sei. O passarinho estava sendo humilde na visão de Eduardo.

Mas tinha Bárbara e ela sempre era diferente de todos os outros alunos no seu jeito de compreender as coisas. Creio que ela é uma eterna curiosa e admiradora da natureza. Seu desenho foi sobre um passarinho tomando banho de chuva e um balão que dizia: não tenho medo de chuva! Para Bárbara aquele passarinho era corajoso.

Além de Eduardo e Yuri eu tinha Erivelton. Esse último gostava muito de surfar, era um menino do mar, um menino que não se sentia bem preso entre quadro paredes olhando para um quadro-negro. Tinha lá fora um mundo azul à sua espera, a sua prancha, trazia para sala de aula tão somente o seu sonho de se tornar um grande surfista. E foi Erivelton quem desenhou um passarinho lindo com a sua arte de desenhar voando sobre o mar. Ele não tinha conseguido vincular as virtudes aos animais, mas expressou o seu sentimento de liberdade, de vontade, de sonhos, de encanto e magia e isso era o mais importante para mim, porque eu sabia que Erivelton era um menino virtuoso. Foi ele quem me ensinou a desenhar; foi ele quem me ensinou a compreender

os alunos “bagunceiros”; foi ele quem me ensinou a ser paciente e ter um amor muito maior pelos alunos de baixas notas e que viviam na diretoria por indisciplina.

Todos os quarenta e nove alunos da sala ganharam dez. Até mesmo Giovani que não gostava de desenhar e só fez riscos na prova com a palavra: coragem, recebeu nota dez. Os riscos, como me disse Giovani, eram passarinhos corajosos que voavam sem medo de serem pegos por meninos que gostam de alçapão. Essa palavra “alçapão” tem uma história bem engraçada. Eles pronunciavam “açapão”. Um dia pedi pra Eduardo pegar um dicionário e procurar a palavra “açapão” para mim. Ele não encontrou. Pedi a Yuri, também não encontrou. Pedi para Bárbara, nada. Eu disse que eles não estavam encontrando porque não existia aquela palavra, o correto era “alçapão”. E todos acharam aquela palavra esquisita por demais, fora do conhecimento que traziam de casa.

O VOO DOS ALUNOS-AVES

A avaliação do passarinho foi por demais novas águas no mar de sonhos daqueles alunos. Não tardou para que eles me pedissem histórias sobre pássaros. Tudo bem eu contaria as histórias sobre os tais passarinhos, mas eles me ajudariam a construí-las. Eles concordaram. E chegaram os passarinhos na sala de aula, nos seus voos matinais, cantando alegremente.

O primeiro passarinho que eles escolheram foi o sibite. Não resisti ao pedido carinhoso: professora conta uma história de um sibite. Perguntei: o que vocês querem saber sobre o sibite? Eles me responderam: inventa uma história que a gente desenha o passarinho. Ah! Eles adoravam desenhar! Perguntei novamente: será que os sibites sabem ouvir? Eduardo prontamente respondeu: deve saber, acho que ele tem orelhas. Comentei: pergunto isso porque tem muita gente que só sabe falar, falar e falar. Será

que o sibite além de cantar consegue ficar caladinho para ouvir um amigo? O silêncio chegou à sala de aula. E surgiu a história do passarinho que afinava silêncios baseada no personagem Mwanito do autor africano Mia Couto, no seu livro “Antes de nascer o mundo”. Sim, era um sibite afinador de silêncios. Quem dele chegava perto aprendia a contemplar o silêncio. Aproveitei a ocasião para falar da arte de ouvir. E criei um passarinho que além de cantar tinha seus momentos de afinar silêncio. Era sua arte. E arte não se discute se é feia ou bonita, cada um tem seu gosto. Foram apenas quinze ou vinte minutos de contação de histórias. O título da história é “O sibite afinador de silêncios.” No final da história surgiu o debate. Erivelton disse que a coisa mais difícil do mundo é a gente encontrar alguém para nos ouvir, as pessoas só sabem dizer que a gente é bagunceiro, disse ele. O aluno Jefferson comentou sobre o minuto de silêncio que às vezes os jogadores fazem em campo e que ele achava bonito. E foi Bárbara quem disse que todas as noites gostava de ouvir o silêncio. Eu perguntei para ela: qual o som do silêncio, Bárbara? Ela me respondeu: escute, professora.

Em outra aula apareceu o azulão. Foi Yuri quem trouxe esse passarinho. Eu sempre amei pássaros e quando Yuri começou a conversar sobre o seu azulão não resisti. Pedi para que ele trouxesse um para mim e ele falou tem que ir comigo pegar, professora. Eu disse que sim, iria com ele. E ficamos de marcar uma data para pegar o passarinho com o “açapão”, eles não concordaram com a pronúncia correta do “alçapão”. O azulão de Yuri cantava que era uma beleza. Dizia que ele era mais azul do que o céu. Aproveitei para perguntar a Yuri como ele ficou amigo do seu azulão. Me contou em detalhes como foi se aproximando aos poucos do passarinho, cuidando dele, brincando com ele, ensinando ele a cantar. Eu perguntei: então você zela ele? Yuri respondeu: sim, professora, todos os dias eu limpo a gaiola dele. Tornei a perguntar: então ele é seu amigo? Yuri respondeu novamente: meu amigão. Quando chego em casa ele começa a cantar de felicidade. Insisti no diálogo: o que vocês acham da gente ter um amigo assim? Com isso introduzi o tema da amizade na sala de aula, criando a história do “Amigo Azulão”. Era um vez um Azulão que não tinha

ninguém, senão seu canto, que era algo ou podia ser alguém se ele quisesse, mas ele não queria, ele queria gente perto dele. E apareceu um menininho que todos os dias ficava a escutar o canto do azulão no seu arvoreiro até o dia em que o gato quase o engoliu vivo. O menininho perguntou ao Azulão se ele queria morar numa gaiola. E o Azulão respondeu que sim. A partir daquele dia o menininho e o Azulão passaram a morar juntos e se tornaram amigos, mas nas amizades muitas coisas acontecem e foi então que o menininho disse para o Azulão.... A história nunca passava dos quinze ou vinte minutos. Fim da história início do debate. Quem nunca teve um amigo para cuidar na vida? Quem nunca precisou de cuidados de um amigo? O que significa cuidar? O que significa ser amigo? O Azulão foi usado para falar do ensaio do filósofo Montaigne intitulado “Da amizade”. No final da história o Azulão morreu. Os meninos acharam a história triste, mas eu disse a eles que nem todas as histórias são felizes. Se a vida fosse só felicidade não haveria guerras no mundo. E como sempre um tema puxava o outro, pois da amizade a aula passou para o problema das guerras.

Os alunos estavam empolgados com as histórias dos passarinhos. Mas naquele dia em que entrei em sala de aula três deles estavam na direção por indisciplina e a turma toda tinha tarefas a cumprir com o diretor da escola após o término das aulas. A indisciplina crescia dentro da escola. As notas nas outras disciplinas estavam baixíssimas. Os professores reclamavam da falta de estudos. Os pais nunca iam à escola saber do ensino-aprendizagem dos filhos. Fiquei triste com aquilo. Foram horas de reflexão. Pensei não está cumprindo com a minha tarefa. Mas também pensei que toda aquela indisciplina talvez fosse fruto de um pensar curioso que estava se revoltando contra a política de ensino-aprendizagem da escola. Confesso que fiquei preocupada. E naquele dia iniciei a aula escrevendo uma matéria no quadro-negro. Tornei-me uma professora tradicional. Foram os alunos que me pediram para contar uma história, porque eles estavam cansados de escrever, de fazer contas, de decorar, de colar e de ouvir reclamações. Eles desabafaram comigo naquela manhã em que o sol insistia entrar na sala de aula. Estava quente.

Eu disse para eles que estava triste por não ter na sala de aula Eduardo, Yuri e Erivelton. Eles disseram que eles bagunçaram muito na aula de matemática e foram para diretoria e que por causa deles todos iam ficar até o meio-dia na escola fazendo tarefas com o diretor. Disse para eles também que estava triste porque as notas deles estavam baixas nas outras disciplinas. Eles pediram desculpas. Disseram-me que não entendiam nada de matemática, porque o professor não explicava direito. Fizeram várias reclamações. E insisti no meu discurso de que eles precisavam estudar mais em casa. Na escola a gente não tem tempo para estudar. É em casa que a gente estuda de verdade. Na escola só temos a explicação do professor, em casa é que vamos aprofundar o nosso conhecimento. E contei para eles do meu amor pelos estudos, de que dormia muito tarde estudando.

Sempre fui péssima de lição de moral. E os alunos sabiam daquilo. Eu era peralta igual a eles. E antes que eu começasse meus discursos de bibliotecas e livros para ler, Tarcísio pediu para eu contar uma história de um Golinha, porque ele tinha um que só queria saber de dormir. Foi o momento de descontração daqueles alunos, todos riram. Um passarinho dorminhoco. Era uma vez um Golinha que só vivia dormindo. Dormia muito, porque gostava de sonhar. Acordava para dormir de novo. E sonhar de novo. Até um dia que o passarinho parou de sonhar. E pediu para o seu dono comprar um remédio para ele voltar a sonhar. Foi quando entraram os três alunos que estavam na diretoria na sala de aula. Eduardo ouviu parte da história e disse: que passarinho, mais besta. A gente não sonha quando quer. Perguntei para Eduardo se ele nunca sonhou acordado. Ele me respondeu: isso não é sonho. É pensamento. Finalizei a história do Golinha dorminhoco e começamos o debate. A diferença entre sonhar e pensar. Eles disseram que a gente só pensa no que conhece e sonha com o desconhecido. Perguntei para eles como é possível a gente sonhar com o desconhecido: tem sonho que a gente nunca entende. Disse para eles que não entender é uma coisa e que desconhecer é outra. E que os sonhos são um pouco de cada um de nós vivido de uma maneira diferente, assim como um filme aonde tudo pode acontecer sem

explicações. Mas que nos sonhos estão as nossas vontades, os nossos medos, as nossas crenças, as nossas saudades e tudo o mais. E o pensar? Ah! O pensar é o que garante a nossa existência. Nunca paramos de pensar. Foi quando eles me responderam: nunca paramos de imaginar. E foi preciso diferenciar imaginação de pensamento. E a aula do pensamento nos levou ao mito da caverna, de Platão. Expliquei para eles a diferença do mundo das ideias para o mundo das sombras. Todo analfabeto vive no mundo das sombras, concluímos. Finalizamos a aula com a seguinte reflexão: em qual mundo vivia o Golinha de Tarcísio? Dever para casa.

Os alunos-aves voaram para casa naquele dia com mais uma inquietação filosófica. Era o voo das andorinhas.

AVALIAÇÃO ESPANTOSA DE NÚMERO 2

Primeiro bimestre do ano de 2008. Havia na escola o seguinte dizer: a professora de filosofia só conta historinha. De fato, para o sexto ano eu só contava historinhas. E o que se seguiu foi que os outros anos começaram a exigir historinhas também. Mas vamos à avaliação. Pedi para os alunos contarem uma história, em no mínimo dez linhas, sobre uma minhoca que ao chegar além do horizonte encontrava uma terra de verdades, quem contasse uma mentira desaparecia. Na historinha era preciso que a minhoca fosse esperta, para nunca contar uma mentira e coloquei no quadro as seguintes perguntas que deviam constar dentro da história:

- Você é feliz?
- Você mente?
- Você tem raivas?
- Você tem defeitos?

- Você chora?

As perguntas podiam ser feitas por um rei, rainha, sapo, príncipe ou fada. Mas deviam constar da história. Se a minhoca mentisse desaparecia para sempre da terra. E eis que surgiram as mais belas histórias sobre as minhocas. Numa delas um aluno respondeu que a minhoca chorava todas às vezes que era usada como isca. Em outra prova uma aluna respondeu que a minhoca sempre mentia para seus pais, pois ao invés de ir à escola ela ficava brincando com as outras minhocas. E por último, um aluno respondeu que a minhoca tinha vários defeitos: era abusada, chata e malcriada.

Os alunos escolheram, na maior parte, as fadas para fazerem perguntas à minhoca. Depois de todo o interrogatório ela ganhou a recompensa de conhecer o mundo encantado, além do horizonte. Eles me perguntaram o que poderia haver além do horizonte para colocar na história. Eu disse: imaginem. A prova é de vocês. E nas avaliações depois do horizonte há parques de diversões, há circos, há remédios, há brinquedos, há árvores e meninos do tamanho deles. Não sei por que eles colocaram remédios além do horizonte. Foram poucos, mas colocaram. Também não os questioneei sobre aquilo, mas fiquei intrigada.

EU, OS CUPINS E O PIRJIMPINTO

Cheguei um dia na sala de aula com uma vontade enorme de retomar a minha infância e iniciei a aula perguntando aos meus alunos o que eles achavam dos cupins. Eles disseram que os cupins comem tudo. Eu disse que os cupins viviam a me perseguir desde pequenina, pois comeu o meu cajueiro e depois o telhado da minha casa e agora estava comendo meu guarda-roupas. Alguns alunos sorriram outros se solidarizam. Era preciso fazer alguma coisa para eu não ficar sem ter onde guardar a minha roupa.

Perguntei aos alunos se na casa deles tinha cupim e eles me responderam com uma pergunta: professora, em qual casa não tem cupim? Um aluno falou: só se for uma casa sem nada de madeira. E nós ficamos a imaginar como seria uma casa de vidro, de chocolate, de doces (engraçado que na casa de doces os meninos disseram que não era uma boa ideia, pois as formigas viriam comê-la) e decidimos por criar uma casa de vidro. Mas uma casa de vidro há de se ter cuidado para nada ser quebrado. Foi quando introduzi o tema o cuidado de si, ou seja, pedi para que os alunos se imaginassem cristais e que tivessem cuidado com um bicho chamado PIRJIMPINTO que come vidro. Era preciso cuidar de si, mas um cuidado além de banho e alimentação, com a alma, sendo paciente, amigo, caridoso, bondoso e humilde.

Cada aluno passou a ser uma casinha de vidro que tinha cuidado com o PIRJIMPINTO. Criamos o PIRJIMPINTO num desenho. Ele não tem coração, é redondo, sem cabeça, com asas e três pernas. O PIRJIMPINTO só come vidro. Não tem ossos e não tem cabelos. Descobrimos que o PIRJIMPINTO é um animal invertebrado, pois esquecemos de colocar ossos nele. O PIRJIMPINTO não tinha coração, mas era um chorão. Chorava por tudo, era um bicho medroso. E a criança que não se cuidasse teria sua casa comida, ou seja, seria comida pelo PIRJIMPINTO.

Mas a história dos cupins não parou por aí. Surgiu na escola um foco de cupins comendo o telhado de algumas salas de aula. Era preciso acabar com os cupins. Os alunos mais engraçados disseram: foi a professora de filosofia que trouxe os cupins para escola. Eu sorri. Chamada a empresa de dedetização para matar os cupins ficamos a refletir como seria a vida de um cupim. Essa nossa reflexão não dizia respeito à ciência, mas ao cupim na nossa imaginação, do pouco que sabíamos deles, e pedi para cada aluno inventar uma história sobre os cupins.

Das histórias inventadas teve uma que mais se destacou, pois tratava-se de um cupim que vivia triste e sozinho, porque se negava a comer a casa de um pedreiro que tinha construído com muito trabalho. Então, o pedreiro descobriu tudo sobre o cupim

e passou a dar para ele bolachas. O cupim acostumou-se a comer bolachas e deixou de ser magro. Acima da curta história o desenho de um cupim comendo bolachas.

EU, AS FORMIGAS E AS FORMIGUNDAS

Os alunos gostavam das recordações da minha infância. Nessa manhã, decidi contar para eles o que as formigas fizeram com o meu bolo de aniversário de dez anos de idade. Antes dos parabéns elas começaram a comer o bolo, podiam ao menos ter esperado os parabéns, e ainda carregaram a vela sabe-se lá para onde. Eles sorriram bastante. Acharam engraçado. Mas eu disse que as formigas na minha casa eram uma coisa séria, pois elas estavam em todos os lugares: no quintal, no pote de açúcar, no mel, nas paredes da casa, no piso enfim por todas as partes.

Inventei para elas que tinha certeza de ser feita de açúcar. Foi quando Eduardo disse: por isso a senhora é tão doce com a gente. Concordei com ele. Mas tinha perdido a paciência com as formigas. Era preciso dar um jeito naquele bando de formigas que me picavam quando eu ia estender roupas no varal do quintal da minha casa. Os alunos me ensinaram várias formas de matar as formigas. Mas todas usavam veneno. Aproveitei a ocasião para explicar-lhes o perigo de se usar veneno em casa.

Talvez pudéssemos encontrar uma forma melhor de mandar as formigas embora da minha casa. Mas como? O silêncio tomou conta da sala. E de repente os alunos viram uma formiga passeando pelo meio da sala e disseram: pronto, professora, as formigas vieram atrás da senhora. Tudo era motivo de sorriso naquelas aulas de filosofia. Eles quiseram matar a formiga, não deixei. Expliquei para eles que tudo tem vida, e a vida não pode ser tirada assim de repente, sem explicações. A pobrezinha da formiga não estava fazendo nada demais. Os alunos me alertaram: quem sabe ela

não está querendo ir comer a nossa merenda? Sim, eu tinha me esquecido que era dia de festa na escola e estavam preparando bolo na cozinha.

Perguntei aos alunos como era possível uma formiga subir quatorze andares e ir atrás de um pedaço de torta em cima da mesa de uma colega minha? Sim, tenho uma colega que também é perseguida pelas formigas. Os alunos disseram que os bichos são inteligentes. Eles pensam, também. Aproveitei para discutir a questão do bem pensar. Como aprendemos a pensar criticamente, a tomar decisões, a fazer escolhas. Como podiam as formigas fazer planos para subir quatorze andares? Um aluno me disse que as formigas podiam gostar de escalar prédios, iguais muitas pessoas faziam.

Os alunos me disseram que as formigas vermelhas são as que picam ferozmente e as pretas só sabem comer açúcar. Perguntei para eles se já tinham visto uma formiga azul eles disseram que não. Eu disse que sim, já tinha visto e inventei as FORMIGUNDAS. As FORMIGUNDAS eram azuis, comiam sal ao contrário das outras formigas e suas casas eram nas nuvens. Pedi para os alunos desenharem as FORMIGUNDAS. E foram criados desenhos belos.

Depois solicitei que eles escrevessem uma historinha sobre as FORMIGUNDAS. Cada um escreveu a sua própria história. A historinha de Bárbara falava de uma FORMIGUNDA que de tanto comer sal tomou toda água existente no planeta. A historinha de Eduardo contou que uma FORMIGUNDA gostava de fazer castelos de sal na praia. E a historinha de Erivelton trouxe uma FORMIGUNDA surfando em cima de uma prancha de sal.

Mas decidi explorar um pouco mais sobre as FORMIGUNDAS. E pedi para que eles escrevessem uma história sobre uma FORMIGUNDA que queria pedir perdão a uma amiga, mas não tinha coragem. Os alunos precisavam na historinha dizer como ela devia fazer para pedir esse perdão. E as historinhas criadas foram as mais lindas que já li na minha vida de professora. Um deles falou que levaria flores para amiga, outro aluno disse que faria um bolo de sal bem grande, e mais um aluno que não

gostava de escrever desenhou um coração chorando do tamanho da folha de caderno e dentro dele colocou a palavra “perdão”.

O tema sobre o perdão foi bastante discutido em sala de aula. Muitas vezes os alunos brigavam entre si, e apesar de quererem pedir perdão não queriam demonstrar fraqueza, medo ou coisa parecida. Falei para eles da importância do perdão para ambas as partes. Que pedir perdão não causava vergonha a ninguém era até uma espécie de saber, que só as pessoas muito sábias eram capazes de pedir perdão. Cabia ao outro perdoar ou não, mas isso era uma outra questão a ser discutida depois.

OFICINA DE POESIAS

Criamos uma oficina de poesias na escola. Durante três meses, com duas aulas semanais, os alunos aprenderiam a como criar uma poesia com versos, estrofes e rimas. O tema das poesias seria a natureza. A oficina seria ministrada no turno da tarde e era livre a participação.

A participação dos alunos foi intensa. Todos os alunos do turno matutino vieram no turno vespertino assistir as aulas sobre poesias.

Comecei pelo conceito de poesia, rimas, estrofes, versos. As aulas foram se passando e eles conhecendo poesias de diferentes poetas: Vinícius de Moraes, Cecília Meireles, Fernando Pessoa e tantos outros.

Chegou um momento que eles começaram a escrever as suas próprias poesias.

O LIVRO “DE PÉ NO AR”

Da oficina de poesias surgiu a ideia de criarmos um livro sobre as mais belas poesias. O tema escolhido seria sobre os animais. Qualquer animal. Foram criadas

mais de cinquenta e cinco poesias. Os animais eram diferentes: elefante, leão, formiga, porco-espinho, etc.

Organizei o material e marcamos uma data para a escolha do título do livro. Depois de muita discussão chegamos a um acordo: DE PÉ NO AR. “Essa oficina nos deixou malucos, estamos todos de pé no ar, professora.” Pronto. Apenas isso e tínhamos o título do livro.

O lançamento do livro foi um momento encantador aos alunos, pois pela primeira vez eles autografaram um livro de sua própria autoria. Houve uma solenidade com direito a lanche e tudo o mais.

CONCLUSÃO

Ensinar filosofia para crianças parece ser bem difícil. Mas quando colocamos a filosofia dentro do mundo do aluno, tudo fica mais fácil. Foi o que eu fiz. Sabia que meus alunos tinham um grande amor por animais e me dediquei a isso.

Conversando sobre os animais sempre chegávamos em outros assuntos importantes, também. Era um diálogo sobre tudo, na verdade. Primeira a formiga, depois a fome, a sede, as crianças desnutridas, a dificuldade para viver, a esperança, etc.

Acredito que deixei algo no pensar dos meus alunos sobre as nossas aulas. Ensinar não é somente explicar o que faz parte da disciplina, mas não afastar-se do óbvio e explorar as coisas que estão por trás de tudo aquilo que pensamos saber, pois nunca sabemos de tudo.

Meus alunos aprenderam a admirar as coisas, a gostarem de ler e escrever. Foram cinco anos de muita dedicação, carinho, zelo, respeito mútuo. Confesso que

em alguns momentos pensei em desistir pelas dificuldades que encontrava, pelas notas baixíssimas, pela indisciplina, mas quando eles pediam: “conta uma historinha.” Meu coração não resistia e inventava uma historinha no meio do pensar de Sócrates, por exemplo.

Haverá de valer a pena plantar sementes em desertos, um dia.

**“Na natureza nada se cria,
nada se perde,
tudo se transforma.”**

Lavoisier



Rosângela Trajano

A natureza é bela

Eu nunca olhei a natureza
Que adiantaria tê-la olhado
Ela nunca muda, nunca muda
É sempre verde, é sempre verde
E se alguns bichos gritam
É porque têm de gritar
Se os oceanos enchem e secam
Tudo me parece normal
Isso não é nada diferente para mim
A diferença é a linguagem do homem
Que torna a natureza uma desconhecida
Porque não há que se querer ser mais
Do que se pode ser
E a natureza é isso... apenas os rios
As pedrinhas do lago. Pronto.



Caderno de Poesias

JEAN SARTIEF

O Olho de Vidro da Physis

Fica muito pouco do silêncio das coisas
e o que levamos da vida
não é a desconfiança
mas um certo confiar nas coisas fugidias
um infinito maravilhoso de que o incerto e o frágil
carregam nossa vida até os últimos dias
no penúltimo ato de nossa vida: morre-se.
Digo penúltimo porque nenhum escritor morre.

Encanta-se!

Nas horas enxutas da existência
fios nublados de poemas
abro as páginas do livro
O olho de vidro do meu avô
de Bartolomeu Campos de Queirós
e choro
de nada mesmo
porque saudade
parece que nunca existe
mas existe

está ali
apertada na garganta
feito nó
que se dá em all star .
Saudade de repente aparece
e ficamos saudosos
sem querer...

Tânia Lima



JEAN SARTIÉ

ANJOS E BOCAS

(fragmento)

Não que sejas custódia dessa era que cessa,
do pranto e do canto, do luto e do ludo,
nem que em ninguém participe o que em ti só não cabe
(mas eu sei que sim, e sei que não sabes
que eu, como sempre, me lembro de tudo —
da memória dos santos e das tardes de pesca)
e que em ti não se acaba a progênie de Eva,
nem a história alterada é espada ou escudo
pra esconder do passado dum povo perdido,
ou varrer-lhes da vista segredos lascivos,
porque tu, como nunca, te esqueces de tudo
do sorriso dos anjos e das bocas blasfemas.

M. Tindo

A poesia dos outros

Recolho as belezas das linhas alheias
Para transformá-las
Em estrada, suspiro e no pousar de um passarinho
Que zomba do (des)equilíbrio das minhas pernas
Perdidas no meio-fio
Me espanta o jeito com que elas, as linhas,
Se arrumam,
Desarrumando meu dia
Brincando com meus pequenos segundos
De encantamento
Me encanta esse silêncio
Dos outros
Que mais compartilho que compreendo
E, quanto mais tento,
Mais me atrapalho, tropeço, me engano
E me desconserto nesse alento
Que é viver
Do contentamento alheio

Sheyla de Azevedo

Jornalista, articulista do Novo Jornal e deixa pequenos rastros no sítio

www.bichoesquisito.blogspot.com

A Louca

Um louco me atropelou.
Era meio mundo para a metade das coisas
que ainda estavam por vir.
Entrou direto em mim, pela costela esquerda.
Não deu nem tempo de gritar.
E ele acelerava em cima da costela invertebrada e emprestada,
pensando ser Adão.
E não era. Nem era tão.
Lambia meu pescoço sôfrego por compreensão.
Enquanto eu ia pensando nas contas vencidas dos cartões
de crédito. Totalmente desacreditada
daquela instantânea vontade dele de ser o único homem da face
da terra.

Sheyla de Azevedo

Jornalista, articulista do Novo Jornal e deixa pequenos rastros no sítio

www.bichoesquisito.blogspot.com



Condicionantes

Se eu não fosse essa pessoa
cheia de pântanos,
seria nuvem

Se eu não fosse essa
coisa estranha
seria um espelho voltado para o mar

Se eu não fosse eu
assim, cheia de medos e escuros
seria uma lacuna
só pra deixar você entrar

Sheyla de Azevedo

Jornalista, articulista do Novo Jornal e deixa pequenos rastros no sítio

www.bichoesquisito.blogspot.com

amanhece nas palavras uma vontade de ser

beijos de boa noite

Orlando Brandão
orlandoucella@gmail.com

origami

poesia se faz
dobrando
a real-
-idade
das coisas



JEAN SARTIEF

CURTE O DIA

Transcriado de Horácio

Não perguntes ? não convém saber o fim
que darão os deuses a ti ou a mim ?
nem consultes o horóscopo pra lá achar.
Melhor aceitar o que de Deus venha:
se muitos anos, se um, pra nós tenha,
como este que enfraquece as ondas do mar,
pouco importa enfim. Sabe o vinho. Bebe.
Poda as longas esperas a um espaço breve.
Ao falarmos, foge o tempo, com inveja.
Curte o dia, e espera pouco pelo que seja.

M. Tindo

Poemas de Paulo de Tarso

O conjunto de poemas integra a terceira parte do livro “Misto código”, traduzido para o espanhol como “Código Mestizo”, pelo Dr. Alfredo Perez de Alencart, da Universidade de Salamanca. O livro, em edição bilíngüe, português-espanhol, editado pela editora Sarau de Letras, será lançado no próximo mês de outubro, no Congresso Ibero-americano de Poesia de Salamanca.

Canções do jardim da casa de Deus

Agora mesmo, no poente
as frutas
e o feijão branco
estão amarrados pelo relâmpago

Agora mesmo, no poente
a verdura
e o milho trigo
estão amarrados pelo arco-íris

Vem perto a chuva
Ouça as vozes felizes
da água cercando as raízes
plantadas em nuvem escura

2. Há os que governam e ensinam

os que entendem de discurso,

os que folheiam os livros,

os que têm em seu poder a sabedoria.

A eles compete a obrigação

de se ocuparem toda hora

com observar o curso

e a marcha ordenada do céu

e a divisão da noite,

para organizarem o calendário

e a forma como seguem seu caminho

os dias e os meses.

Mas nós, gente simples,

sabemos que é Deus

que nos dá

nosso sustento:

Tudo quanto
Se bebe e come
o milho, o feijão,
os bredos, as ervas.

A Ele é que pedimos
a água, a chuva
pelas quais se produzem
as coisas na terra.

Ele mesmo é rico e feliz
e possui todas as coisas.
É a Ele que se deve o gerar,
o nascer e o crescente a vida,

de maneira que sempre
e para sempre
as coisas germinam e verdejam
em sua casa florida

3. O alto céu azul

é quem responde
se olho não sei onde
e cheiro inverno em secura

Tão alto ele vem
pelo céu
que uma nuvem
é seu chapéu

4. Sol, o dourado jardim dos teus cabelos

começa a flamejar
sobre o milho.

E já as espigas
se põem a secar
por seu alento.

Acerta-nos tuas lanças,
abre-nos as portas de teus olhares,
chuva bendita.

5. No lugar onde estão as flores

no jardim de chuva e bruma
nasce o milho

O milho está no campo divino
entre as flores multicores
do arco-íris

Incerto caminhar

Na mesma estrada longa e sinuosa,
seguindo por estorvos, descaminhos
- ao lado a companhia generosa -,
agruras transformadas em carinhos.

A estrada, que se faz ida e retorno,
transporta realidade e desvario.
Há vida no seu leito e em seu entorno,
assim como no curso de algum rio.

Também há o andarilho solitário,
disperso em seu mundo sempre errante,
sem data, sem agenda, sem horário.

A estrada é esta vontade de chegar...
E é o passo que transforma a todo instante
a vida num incerto caminhar.

Eu era tu
Tu era eu
Nem eu ou tu
Éramos nós.

Rosângela Trajano



Fotografia contemporânea de Jean Sartief

Conversa com um andarilho

Ao poeta Paulo Bomfim

- De que consistem suas alegrias?

- De fugazes auroras.

- E suas tristezas?

- Melancólicos ocasos.

- Pelos caminhos palmilhados, o que encontra de surpreendente?

- Acenos amigos.

- O que você leva consigo?

- Algumas auroras, poucos ocasos e raros acenos.

Púrpuras tardes

No silêncio turvo e gélido,
espelhos e sorrateiros passos melódicos,
fundem-se em enigmática noite.

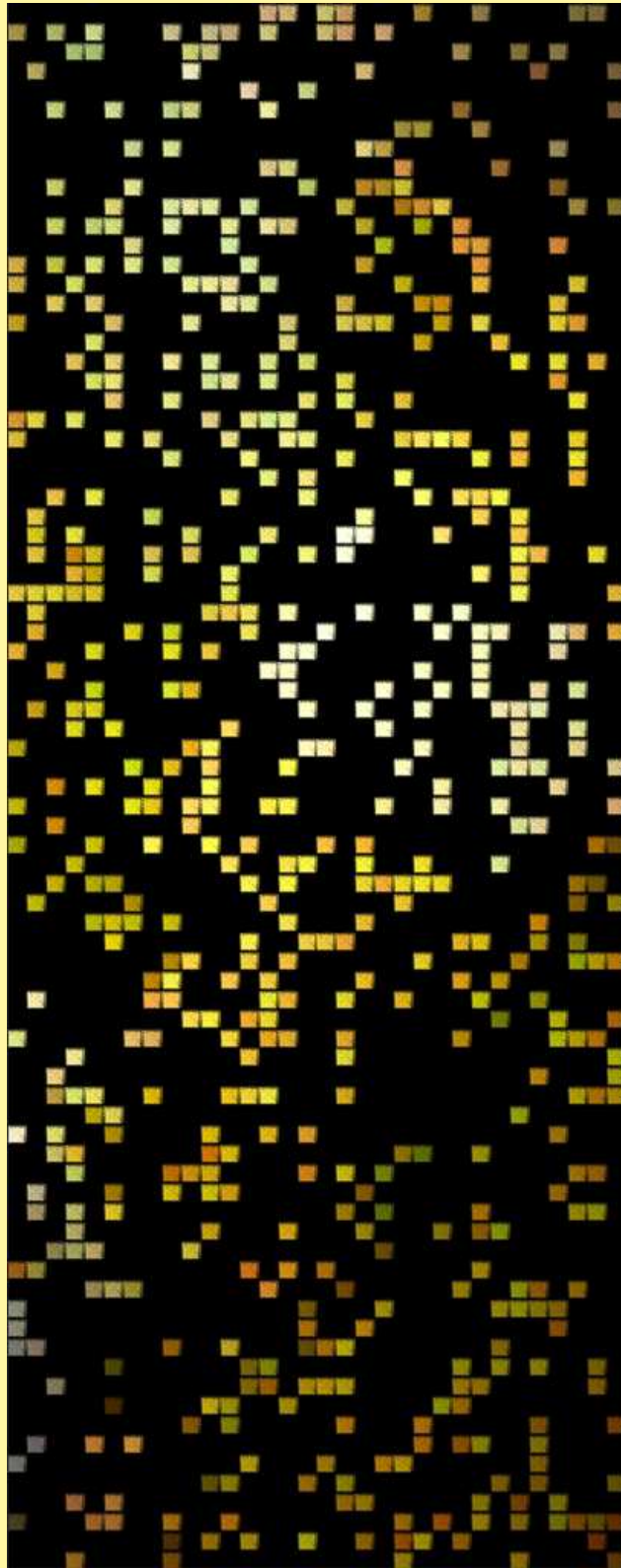
Serenata indesejada à janela,
assobios de ventos são augúrios
a arrepiar a epiderme da madrugada.

Com gotas de claridade,
vaga-lumes,
sintagmas-luzes,
ponteiam o manto negro
do cio da escuridão.

E surgem
murmúrios de brisa
a balançar o escuro véu,
soprando vida,
despedaçando a solidão,
em tímidos veios de cor.

O dia avança,
com a liberdade de um condor,
sabendo que outra vez morrerá.

Púrpuras tardes,
prelúdios e presságios,
que outros passos e espelhos
urdirão de mistérios
outras noites sem estrelas...



JEAN SARTIÉF

A MAÇÃ DE PRATA (1453)

Sob um sol nítido, zimbórios resplendiam preces,

incensos ardiam medo e ruína,

malogro do que houvera sido a arquitetura

de um lugar chantado na divisa de dois mundos,

cujo orgulho o traçado das ruas e os prédios

mesclavam elementos de ambos os lados:

arcos, portais, cúpulas, colunas e praças.

À cidade sitiada, nada restava senão

elevantar agonias, lamentos e ladainhas,

por saber-se derrotada face às trombetas

e rufar de tambores que ecoavam lá fora,

nos muros de pedra. O inimigo

com suas bandeiras verdes, ao vento,

dizia que dessa vez nada restaria,

pois a cor do sangue galvanizava

cada olhar de soldado pronto

para o acerto das dívidas,

depois do acúmulo de anos,

numa espera na qual a desgraça

era o substrato onde se chantava

o desejo de vingança.

Diante de tudo isso, de tudo o que

é humano, mesmo sendo batalhões

prontos para o final de um período,

na certeza de muito sangue derramado,

que deus daria atenção a tal espetáculo,

que deus se importaria com o digladiar

de dois povos num combate feroz,
que deus se apiedaria de uma capital
de império completado seu ciclo,
cobra mordendo o próprio rabo?

Márcio de Lima Dantas

27.10.2011

LÓTUS AZUL

Para Sandra, praticante do dharma

lâmina d'água	reflete o céu
emerge a flor	volve para o leste
sua corola azul	venera a luz amarela
da alba de um outro	tempo que se vai cumprir
honra o disco solar	celebra mais um dia

submerge ao crepúsculo, encerrando-se em si, numa
cápsula íntima, mergulhando no substrato original,
para meditar acerca da ciclicidade das coisas, dos seres;
eis no outro dia, com mais intensidade, o azul das pétalas.

Márcio de Lima Dantas

01.11.2011

MORTE DE ULISSES

Para os que têm pendor à errância
e a curiosidade pelo desconhecido,
nunca o farne de sair de casa cessa.
Para os que herdaram a maldição
de não quedar-se num canto,
de querer interagir e aprender,
cultivando a vinha ou consertando calçados,
em dias e trabalhos iguais, mesmos sóis e luas,
mesmos rostos que envelhecem aos poucos,
fica difícil se comprazer com o tédio
de constelações no firmamento, pálidas,
dizendo de uma garantia doméstica.
Nem filho amado ou esposa ditosa,
muito menos velhice de pai,
impedem o impulso maior de uma
nova jornada ao ignoto.
Navegando pelo então conhecido,
quer dizer, o que não mete medo,
o que diz de uma segurança (nem sempre certa),
o que o lenho palmilha sobre terras e águas,
da costa de Espanha até sua antípoda Ceuta,
cruzaram a estreita porta de Gibraltar,
para, açulado pela atávica vontade
de conhecer, sentir o sabor, experimentar o novo,
ouvir ritmos diferentes de vozes,

Para os que têm pendor à errância
e a curiosidade pelo desconhecido,
nunca o farne de sair de casa cessa.

Para os que herdaram a maldição,
adentram por imenso oceano desconhecido,
aceirando a recortada linha da África.

Eis que o preço do desejo irrequieto
pelo insólito, a paga e a purga de uma *hybris*
subjativa buscando não os dois lados ditos naturais,
mas as ilhargas ignoradas das pessoas e coisas,
furnas onde, talvez, o mais precioso se resguarde.

Acontece que tudo tem seu fim.

Uma tempestade marítima afundou
o barco com seus tripulantes.

A sepultura, como não poderia deixar de ser,
foi as águas escuras do fundo do mar.

Márcio de Lima Dantas



Caderno de filosofia,
literatura e sociologia

Quando cuidamos da natureza ela cuida da gente.

Rosângela Trajano

Política e cuidado de si

Alípio de Sousa Filho, professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN.
Doutor em Sociologia pela Sorbonne-Paris V.

Cada vez mais, para a análise da esfera política no Brasil, um tema necessita ser introduzido: a ética do cuidado de si. O tema foi desenvolvido pelos filósofos gregos e romanos antigos e, na contemporaneidade, foi retomado pelo filósofo francês Michel Foucault. O que é o cuidado de si? É o cuidar de si mesmo, por meio de exercícios aplicáveis a si e através dos quais se procura a elaboração subjetiva ético-moral, a fazer que se atinja um modo de ser próprio. Este que pode ser, por escolha ética, um modo de ser comparável a uma obra de arte: virtuoso, esmerado, belo. Não é o que vemos em bom número de nossos agentes políticos públicos.

Por que o cuidado de si deve ser assunto da política? O cuidado de si é ético e político em si mesmo, pois implica as relações do indivíduo com outros, com o público, com a sociedade. O cuidado de si é também uma maneira de cuidar dos outros. Para filósofos como Platão e Aristóteles, no cuidado de si como cuidado dos outros residia a arte de governar: governo de si e governo político da sociedade. Para Michel Foucault, com esse entendimento, um saber se funda: “não se deve passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si. O cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária”.

No caso de bom número de nossos agentes políticos públicos, o assunto se aplica, e de duas maneiras: na constatação de que lhes falta o cuidado de si (ou mesmo que o desprezam) e como apelo para que o pratiquem, se desejam o reconhecimento autêntico da representação e do governo políticos, ainda que seja somente por certos setores da sociedade. Caso no qual se exige a renúncia do cinismo que manejam na relação com amplos setores da população (que, aliás, igualmente ignoram o cuidado de si) e de que se valem para precárias legitimações.

As denúncias e processos por desvios de recursos públicos, aceitação de propinas, corrupção etc., envolvendo agentes políticos públicos (e filhos/as, esposos/as, amigos/as), nas nossas cidades, tornam possível pensar que os implicados desprezam o cuidado de si como obrigação primária, e que se requer em dobro do agente político público e da autoridade. Agentes políticos públicos que se envolvem em corrupção, contravenções penais, práticas de preconceito e discriminação, que são cúmplices ou praticantes de fraudes, irregularidades, que se aliam àqueles a quem deveriam criticar, entre outros exemplos, dão flagrantes demonstrações de que desprezam o cuidado de si ético-moral. Mentirosos, quando são flagrados nos descuidos de si, declaram que estão sendo injustamente perseguidos, que são inocentes (até prova contradizente).

Não se pode pensar a existência do agente político público sem a ética do cuidado de si. Não podemos permitir que cuidem de nossas vidas e cidades aqueles que não cuidam de si. Aquele que não cuida de si não pode cuidar da cidade.

Não que se trate de pensar que apenas os agentes políticos públicos têm a obrigação do cuidado de si. Se estes têm a obrigação em dobro, em razão de suas responsabilidades públicas, essa é uma obrigação de todos nós, como política de elaboração de si, elaboração de nossa existência individual e coletiva. O cuidado de si é exigência também para eleitores. Aqueles que (re)elegem denunciados e condenados em irregularidades, fraudes, corrupção etc. são praticantes do desprezo do cuidado de si, que é igualmente desprezo do cuidado da cidade/sociedade.

Nota final: em Michel Foucault, o tema do cuidado de si se volta para práticas críticas de reelaborações de nossas subjetividades, como efeitos que são das diversas imposições sociais. Portanto, práticas do cuidado de si e de aprimoramentos/estilizações da vida que se tornem superações dos efeitos de poder da ideologia, da alienação e da sujeição a normas e convenções sociais: superações de concepções, preconceitos, costumes, valores e mandatos que são interiorizados/adquiridos na educação social. No que se experimenta a possibilidade de resubjetivação como experiência de liberdade em relação a esses mesmos mandatos, costumes, valores. Que tal nossos chamados políticos iniciarem seus exercícios do cuidado de si?



OUM KALSOUM

Márcio de Lima Dantas

Professor de Literatura Portuguesa da UFRN

Ao se ouvir com atenção, sobretudo quando se escutam os discos que foram gravados ao vivo, compreende-se o que minha amiga Dounia disse quando escrevia seu nome na minha agenda (eu havia pedido nomes de cantores do Marrocos): Oum Kalsoum (pronuncia-se ÔM KULTÚMI). «Todos os árabes gostam dela, era egípcia ». Depois um líbio me explicou o que significava seu nome. Om quer dizer « mãe». Kalsoum significa « estandarte ». Mãe de Kalsoum ? Estandarte (da) Mãe ? Dizem que é difícil traduzir árabe para as línguas ocidentais devido à grande ambigüidade das palavras e frases.

Que coisas essenciais da mentalidade e do imaginário árabes estariam presentes na voz dessa cantora tão amada pelos diversos povos que falam a língua árabe? Sim, porque não são apenas os egípcios que gostam dela. E o interessante é que Oum Kalsoum sempre cantou os poetas ditos clássicos da literatura em árabe, quer dizer, teoricamente dirigiria sua arte às pessoas com repertório mais elaborado, embora tenha registrado muita coisa do que chamamos de « música sentimental ».

E é com uma ardente paixão que ela canta, detendo-se com intensidade sobre cada palavra num procedimento estilístico que se aproxima da maneira como os antigos hindus rezavam: cada palavra deveria ser intelectualmente sentida e sensorialmente pensada. Só dessa maneira poderia elevar-se aos deuses. Assim é o canto pungente de Oum Kalsoum. Canta num exercício de exorcizar danações interiores, e, ao fazer isso, parece catalisar no seu corpo, na sua voz, a condição de um povo, seus anseios, seus dramas.

A ancestral aliança entre poesia e canto atinge sua perfeição em Oum Kalsoum. Não é difícil constatar que o grito de dor se acomoda melhor às vogais: são fonemas que não sofrem nenhum tipo de oclusão do aparelho fonológico: saem direto das entranhas para o exterior. Expande-se no ar e contagia quem está próximo (podemos observar que, nas músicas gravadas

ao vivo, a platéia delira, numa cumplicidade lúdica). A música sacra indiana também usa muito o vocalise.

Às vezes me vem a cabeça que o canto de Oum Kalsoum organiza o sentimento árabe da expectativa. Um aguardo que acaba por adiar para o futuro o que poderia se efetivar no presente. Contudo, sua arte não reforça esse interminável prazo que não se sabe de onde vem nem por quem foi instituído. É a consciência maior de o saber inútil, por isso esse matiz lancinante que se consegue captar em quase toda a sua obra.

Quem visitou um país de cultura muçulmana e preferiu fugir um pouco ao circuito turístico, esquecendo os estereótipos e as caricaturas tão ansiosamente/inconscientemente desejados por todos, e, ao contrário, preferiu passear aleatoriamente pelas ruas, entrando nos cafés, bares, mercados, conversando com o povo, conhecendo pessoas, etc, sente muito bem essa atmosfera de expectativa.

Sim. É como se estivessem esperando quietos alguma coisa. Talvez a religião de Maomé, com suas eternas promessas do paraíso, tenha imprimido essa constante no imaginário coletivo. Tenho uma correspondência permanente com pessoas do Marrocos, vez ou outra elas deixam entrever essa expectativa com relação ao futuro. Não se tem essa impressão na Europa. Ora, pelo contrário, parece até que os europeus deram o viver por encerrado. Por isso, esse ar de farto que os franceses têm. Fartos em dois sentidos. Primeiro: perfeito, acabado, não curioso pelo novo. Segundo : no sentido de enfasiado, entediado pelas repetições. O que tinha de vir já veio. Não há messianismo. O que tinha de vir não era nada e já passou. A macrometáfora do que estou dizendo é a própria cidade de Paris (intramuros): a arquitetura das ruas já tomou sua forma definitiva, pouca coisa vai ser alterada nos próximos séculos. O Patrimônio Histórico não permite alterações nas fachadas ou construções de prédios que descaracterizem o conjunto da cidade. A pátina das pedras nas fachadas expressa muito bem o que estou querendo dizer. A única renovação possível é retirar a casca de fuligem das pedras com jatos de areia...

Por outro lado, essa voz pungente que parece seguir paralela aos instrumentos consegue dizer do sentido trágico da vida, da efemeridade dos eventos, do caminho inelutável em direção à morte. Coisas que todo humano, independente de cultura, compreende muito bem. Não é preciso saber árabe

para sentir que Tuma (seu apelido carinhoso) canta coisas essenciais da condição humana, que nos fala de circunstâncias impossíveis de serem remediadas: o fracasso do amor, o inexorável da morte ou a impossibilidade de se aplacar a solidão. Sendo assim, o seu canto atinge o universal tratando do imaginário do povo árabe, na medida em que as invariantes da condição humana são repetidas na trajetória individual de cada um, e isso não está sujeito ao tipo de cultura a que somos subordinados.

Talvez o mais bonito de tudo isso seja uma desesperada sinceridade que ela passa na voz. A sinceridade em arte sempre tem uma nuance metalingüística. Preste atenção se não é. Se o artista é autêntico no que faz, se sua expressão artística é fruto de uma necessidade interior (coisa « de tripas », como dizem os franceses), então toda sua obra será um discurso sobre a natureza mesma da arte. A autenticidade em arte é como uma espécie de coisa que independe do sujeito: mais cedo ou mais tarde uma forma se consubstanciará, um destino se cumprirá. Em vida ou na morte. Tenho para mim que Oum Kalsoum era extremamente sincera no que fazia. Como o atavismo negro de Clementina de Jesus, o canto mestiço de Clara Nunes, ou, quem sabe, o sofrimento de uma geração catalisado na voz de Elis Regina.

Sintomático que ela tenha surgido num momento importante da história do povo árabe. Sua presença na música equivale à de Abdel Nasser na política. Ambos representam a afirmação da identidade árabe.

Oum Kalsoum proclama uma espécie de *materialismo* que a cultura árabe teima em negar, insiste em desvelar aspectos *humanos* de um povo desde sempre atrelado a Deus, mas, como todo aquele que conhece ou esteve num país árabe, sabe muito bem como a maioria age nos intervalos entre as cinco preces diárias...

OS LUSÍADAS
DE
LUÍS DE CAMÕES

3.ª EDIÇÃO

UM POEMA, DUAS VIAGENS

Dicção e Contradição n' *Os Lusíadas*

Luiza Nóbrega

UFRN

Falar d' *Os Lusíadas* ao fim duma tarde em que se encerra um colóquio, e em exíguos quinze minutos, constitui sem dúvida um desafio. Parodiando o que nos disse, citando Amália, o Tiago Torres da Silva – *cantar ou é muito fácil ou é impossível* – só posso dizer: falar hoje, aqui, d' *Os Lusíadas*, será muito difícil, mas terá que ser possível. Para tanto, será indispensável imprimir velocidade à leitura, e rogar aos presentes a benevolência de me acompanharem nessa maratona.

Ao longo de quatro séculos, a tradição crítica - inadvertida ou advertidamente deslembada dos exaustivos *Comentários* de Faria e Sousa - definiu *Os Lusíadas* como o canto épico dos descobrimentos marítimos portugueses. Tal definição implicou a leitura restritiva da obra monumental, fixada ao seu plano mais epidérmico, ou seja: a narrativa da viagem descobridora de Vasco da Gama, secundada por outros correlatos feitos históricos, aos quais se associavam, nos rodapés, curiosidades de ordem geográfica, botânica, bélica, heráldica, mítica, astrológica e astronômica.

Até mesmo as tramas mítica e astrológica eram explicadas como demonstrações eruditas de função meramente retórica, destinadas apenas a embelezar o estilo, sem que se percebesse a função metafórica e implicativa que ali desempenham, como portadoras de mensagens dissidentes codificadas.

E ainda que a própria tradição crítica, não logrando inteiro sucesso em sua interpretação superficial, demonstrasse desconcerto ante o que considerava incongruentes e inexplicáveis dissonâncias no coro encomiástico, resolvia o impasse lançando à sombra tudo aquilo que parecia contradizer a univocidade do discurso. A única exceção era o velho que surge ao fim do Canto IV, designado pela tradição como o Velho do Restelo.

Contra essa posição restritiva investiu Jorge de Sena, inaugurando, ainda na década de 40 do século XX, a nova vertente crítica de Camões e d' *Os Lusíadas*. Em seus estudos pioneiros, que trouxeram à pauta

um Camões bem diferente daquela efígie fidalga cultivada pela tradição crítica, Sena apontou o cerne da questão, postulando teses expressas em frases categóricas:

De *Os Lusíadas* tem-se estudado tudo: a fauna, a flora, a astronomia, a geologia, e, vastamente, as “fontes”... a questão que nos ocupa é muito diversa.

Em primeira análise, atentemos em como *Os Lusíadas* estão construídos, para verificarmos que são, não só um prodígio de arte narrativa, como um prodígio de arquitetura significativa.¹

Tratava-se de um salto qualitativo, que revolucionava o estudo d' *Os Lusíadas*, ao propor como tarefa basilar aos seus estudiosos ultrapassarem a horizontal diegética, ou seja, sua linha narrativa, e acessarem as camadas mais profundas de sua vertical rítmico-semântica. Em outras palavras, tratava-se de ler *Os Lusíadas* como poema, dotado de estrutura muito mais ampla, mais vasta, mais complexa e mais profunda que uma simples narrativa épica de viagens marítimas descobridoras. Depois do apelo de Sena, estudar *Os Lusíadas* exigia a observação atenta de seu enunciado e de sua enunciação, o que Eduardo Lourenço, um dos representantes da nova vertente crítica camoniana, expressou nestes termos: “se é fácil falar daquilo de que *Os Lusíadas* falam, já o é menos falar daquilo que são, pois eles não são aquilo de que falam, mas a maneira como disso falam.”²

Aquilo de que *Os Lusíadas* fala constitui o seu enunciado. O como disso fala constitui a sua enunciação. Mas a tradição crítica, despercebendo inteiramente a enunciação, percebeu apenas parcialmente o enunciado. E uma leitura atenta destes dois planos nos revela que *Os Lusíadas* atravessou os séculos como uma obra desconhecida. Estudando-se *Os Lusíadas* a fundo, usando-se para isto as necessárias ferramentas teóricas, percebe-se que, longe de estarmos ante uma obra petrificada, cujo sentido já foi há séculos estabelecido, estamos ante um poema gigantesco, ainda repleto de revelações que se nos oferecem em descobertas surpreendentes.

Poucos leitores sabem, por exemplo, que, de início, o poema não se intitulava *Os Lusíadas*, e sim *As Lusíadas*, ou simplesmente *Lusíadas*, referindo-se, não aos barões assinalados e sim às estâncias que cantavam Luso, o filho de Baco e fundador mítico da Lusitânia, e seus descendentes, os Lusíadas; e que, assim sendo, Lusíadas não significa propriamente portugueses, e sim um segmento específico de portugueses, os descendentes de Luso, o que implica a filiação a uma vertente ideológica à qual a figura mítica de Baco, secundada pelo seu cortejo dionisíaco, serve de ícone simbólico; o que se confirma com o fato, também ignorado pela maioria dos leitores, de ter *Os Lusíadas* atendido ao duplo e insistente apelo de humanistas luso-italianos para que se compusessem um épico dos descobrimentos portugueses e um canto renascentista de louvor a Baco, o deus decantado pela antiga tradição.

Mas isto ainda é pouco. O manancial de descobertas e revelações que meu estudo franqueou extravasou das quinhentas páginas de uma tese - defendida em 2001, e depois publicada em livro³, em 2008 - para outros diversos estudos que venho publicando há alguns anos. Obviamente, dada a exigüidade do tempo disponível, nem um décimo do que demonstrei nestes referidos estudos poderia ser

aqui abordado. Para que se tenha uma ideia do que afirmo, apenas com relação ao Velho dito do Restelo, a análise semântica que empreendi do texto d' *Os Lusíadas* revelou que esse Velho do Canto IV, designado por Camões como *Velho de aspecto venerando*, é na verdade apenas uma das figurações de um *velho venerando* recorrente ao longo de vários outros trechos do poema, nas figuras personificadas dos rios Ganges e Indo, e na do próprio Luso, todas sintagmas convergentes no paradigma que remete o poema ao campo semântico trágico-lírico, de que Baco, enquanto *persona* do poeta, é a máxima representação.

Para uma comunicação breve como será esta, abordarei apenas – e com a inevitável ligeireza – uma incidência que, para além de sobressair quando se estuda *Os Lusíadas* como poema, constitui o eixo central de sua configuração poética e remete ao âmago de seu sentido.

A incidência a que me refiro é a de um propósito que não apenas difere como até se contrapõe ao intuito declarado nas duas estâncias iniciais de sua proposição: *As armas e os barões assinalados... Cantando espalharei por toda parte...* A este discurso que contradiz a dicção épica, chamei contradicção d' *Os Lusíadas*, e explorei-o até o ponto em que nos revela, sob a camada épica epidérmica da narrativa, uma profundidade trágico-lírica subjacente, cujas irrupções intermitentes no fio discursivo provocam as já referidas dissonâncias, numa ambigüidade que foi resumida por Eduardo Lourenço nesta sentença lapidar: “Já se viu um poema ‘épico’ assim tão triste, tão heroicamente triste, ou tristemente heróico, simultaneamente sinfonia e réquiem?”⁴

Esta ambígua coexistência de dicção e contradicção deve-se a uma providencial conjunção de fatores genéticos e semânticos convergentes, indicativos de ambivalência e dissimulação, tais como a dissidência que o poeta foi obrigado a dissimular perante a censura da Inquisição; e, principalmente, o sentimento de revolta e o desejo de vingança que ele experimentava em decorrência daquilo que chamava *o injusto mando executado*, ou seja: sua exclusão, prisão e exílio forçado, de Lisboa para a Índia, onde viveu quase dezessete anos. Camões, poeta lírico de biografia trágica, vivida num momento histórico nacional trágico, forçou a barra, como vulgarmente se diz, compondo um canto de celebração dos feitos lusitanos. Felizmente, teve êxito na composição, mas apenas porque o poema resultou híbrido, misto de épico e trágico-lírico. Foi justamente essa conjunção de opostos que produziu sua singularidade portentosa. Se assim não fosse, teria resultado numa crônica rimada, como sucedeu com as tentativas épicas de alguns dos seus contemporâneos.

Jorge de Sena tinha consciência desta ambigüidade d' *Os Lusíadas*, que atribuía à coexistência do declarado propósito épico laudatório com intenções mais íntimas, de caráter dissonante. Na conferência publicada em *Visages de Luís de Camões* - um conjunto de textos reunidos pelo Centro Cultural Português de Paris - afirmava que seu livro *A Estrutura de Os Lusíadas* fora consagrado à procura das *intenções profundas* do poeta no poema⁵, pois estudar a estrutura rítmico-semântica d' *Os Lusíadas* nos levaria a acessar as *intenções íntimas*⁶ de seu autor. E, explicando o caráter daquelas *intenções profundas*, sentenciava: “as intenções do autor iam muito além do desejo de celebrar a história de Portugal (como queria a tradição)”⁷.

Pioneiro também da nova crítica, António José Saraiva convergiu com Sena quanto à existência de um propósito mais íntimo n' *Os Lusíadas*. Referindo-se ao anseio nacional, defendido pela vertente humanística, de composição do épico dos descobrimentos portugueses, o [lúcido camoniano](#) afirmava:

Camões propõe-se realizar a empresa desejada por Ângelo Poliziano, por João de Barros e por António Ferreira: dotar o mundo moderno com uma réplica dos poemas épicos antigos; dar aos feitos dos Portugueses uma categoria universal; enobrecer a língua com a realização nela do gênero considerado máximo. Estas são as intenções declaradas d' *Os Lusíadas*, mas, naturalmente, não esgotam o seu significado.⁸

Está aqui expressa a coexistência de dois níveis de propósito no poema: o das *intenções declaradas* pelo poeta e o das suas intenções ocultas.

Mas é o próprio Camões quem nos dá a chave da ambivalência de propósitos que mina a univocidade do sentido d' *Os Lusíadas*. Esta chave preciosa encontra-se no seguinte trecho da carta que ele escreve em Ceuta:

Grande trabalho é querer fazer alegre rosto quando o coração está triste; pano é que não toma nunca bem esta tinta.... Ainda que, para viver no mundo, me debruo de outro pano, por não parecer coruja entre pardais, fazendo-me um para ser outro, sendo outro para ser um; mas a dor dissimulada dará seu fruto; que a tristeza no coração é como a traça no pano.

Confessada a dissimulação num brilhante complexo metafórico, o poeta lucidamente observa que o fingimento não se sustentará. E é certamente implicativo que a metáfora central escolhida seja a do *pano* para o rosto do poeta, tingido em cores de alegria que não se sustentam; e da *traça* para a tristeza que ele guarda no coração e acaba por roer-lhe o *pano* do rosto. Ora, a conclusão em traça-tristeza que rói o pano-rosto solitário fingidamente tingido de gregária alegria, juntamente com a afirmação *mas a dor dissimulada dará seu fruto, que a tristeza no coração é como a traça no pano*, prestam-se magnificamente como metáfora da contradicção desconstrutiva d' *Os Lusíadas*, obra que seria o fruto de uma dor trágico-lírica dissimulada em canto épico. Este trecho de carta do poeta nos dá a chave para entender *Os Lusíadas* como tecido estriado pelo trabalho de uma traça-dor ; uma traça trágico-lírica que lhe vai esgarçando, ou mesmo rompendo, ao longo das estâncias, o fio discursivo, nele instaurando as estranhas dissonâncias dos excursos em que a voz do poeta emite contundentes e revoltosos desabafos, até o ponto em que o canto é arrastado ao naufrágio, e o poeta diz a Calíope : *Nô mais, musa, nô mais, que a lira tenho Destemperada, e a voz enrouquecida*.

E a implicação mais interna e profunda de tal formidável incidência, reiterando-se em diversos aspectos e planos da obra, e definindo-se, em última instância, como um caráter trágico-lírico d' *Os Lusíadas* em sua profundidade, tem na presença de Baco no poema – ao contrário da de um rancoroso e vil opositor vencido, como estabeleceu a tradição crítica – a de uma figura-chave, que desempenha n' *Os Lusíadas* um

conjunto de funções decisivas e essenciais, porque estão no cerne do sentido do poema. Sob a égide do deus que, como o poeta, foi perseguido e proscrito, e transitou entre Ocidente e Oriente, a viagem d' *Os Lusíadas* ganha um sentido surpreendente, do qual a tradição crítica, ofuscada pela fixação numa interpretação ideológica expansionista, nunca teve o mais leve vislumbre.

A guisa de exemplo dos pontos cegos da crítica, pelos quais se lançaram à sombra índices textuais da mais alta relevância para a identificação do sentido d' *Os Lusíadas*, lembrarei um trecho crítico, que envolve justamente a figura de Baco, e se dá desde as últimas estâncias do Canto VII às primeiras do VIII, quando irrompe uma brusca interrupção excursiva no fio discursivo, cuja estranheza só não nos causa tanto espanto quanto nos causa ter ela sido despercebida ao longo de centenários anos.

O trecho se inicia quando o *Catual*, alto dignitário hindu, *alça-se em pé*, ao lado dos chefes Lusíadas, Nicolau Coelho e Paulo da Gama, e do *Monçaide*, intérprete do encontro no qual são mutuamente apresentadas as divisas históricas das duas nações e culturas. Citando aqui textualmente o trecho: o Catual põe os olhos *no bélico trasunto De um velho branco, aspeito venerando, Cujo nome não pode ser defunto Enquanto houver no mundo trato humano*. Este velho é Luso, o patriarca mítico da Lusitânia e dos Lusíadas, que, como já foi dito anteriormente, é uma das figurações do recorrente *velho venerando*, aqui apresentado como um grego, pois o penúltimo verso da estância diz: *No traje a grega usança está perfeita*. O mais implicativo, porém, é o que diz o último verso, que lhe põe na mão, ao invés de cetro, um distintivo: *Um ramo, por insígnia, na direita*. Que ramo será este, e qual sua implicação para o sentido profundo d' *Os Lusíadas*?

Isto se passa na estância 77 do Canto VII, e é de perguntar se o episódio dá-se no fim do Canto ou se, pelo contrário, é ele que faz o Canto subitamente concluir-se. Pois na estância seguinte, logo ao primeiro verso, a narrativa será interrompida, e o discurso rompido por um excursão que, além de contundente, é revelador, mostrando sua irrupção a estranheza de um lapso onde se explicita o propósito mais íntimo d' *Os Lusíadas*. Considero, por isto - entre as estâncias que chamo críticas, n' *Os Lusíadas* - a 78 do Canto VII a mais crítica de todas. Vamos à estância 78, que inicia a interrupção:

Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,
Eu, que cometo, insano e temerário,
Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e vário!
Vosso favor invoco, que navego

Por alto mar, com vento tão contrário,
Que, se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Note-se que a estância 77 se conclui com o verso: *Um ramo por insígnia na direita*; e que a 78 se inicia com a reafirmação: *Um ramo na mão tinha*. Note-se, a seguir, que depois da repetição surge uma reticência, a qual abre um abismo que torna indisfarçável a ruptura do discurso narrativo, cujo sujeito se refere à viagem pretérita do Gama, e a irrupção do desabafo excursivo do poeta, que diz da sua própria saga. A partir daí, tomando por confidentes as metafóricas *Ninfas do Tejo e do Mondego*, ele desenrola, até a estância 87, que conclui o sétimo Canto, um libelo revoltoso contra as injustiças que lhe foram infligidas pelos poderosos. Ao retomar a narrativa, no ponto em que o *Catual* observava a primeira figura da galeria de heróis Lusíadas, a ele apresentada por Paulo da Gama, o narrador revela, nas duas primeiras estâncias do Canto VIII, que a figura é Luso:

Na primeira figura se detinha

O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
.....
Este que vês, é Luso, donde a Fama
O nosso Reino Lusitânia chama.

Mas não será apenas esta a revelação. Na estância seguinte explicita-se, por trás de Luso, o seu ascendente, que, aqui designado pelo seu epíteto *Tebano*, outro não é senão o mesmo *Baco irado* opositor da viagem lusíada:

Foi filho e companheiro do Tebano
Que tão diversas partes conquistou;

E a estância 4, trazendo outra vez à pauta o ramo, cuja aparição desencadeara o crítico e implicativo excursão, revela inequivocamente o que está em causa:

O ramo que lhe vês, pera divisa,

O verde tirso foi, de Baco usado,
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado.

Aqui já não se trata de entrelinhas. As linhas são explícitas ao revelar que o tirso, insígnia simbólica de Baco, é o cetro empunhado pelo seu filho, o fundador da Lusitânia; e, mais que isto, ao afirmar que este distintivo simbólico deve lembrar aos portugueses contemporâneos sua origem mítica ancestral, da qual estão esquecidos. O que isto implica é por demais complexo para ser aqui devidamente explicado, pois nos obrigaria a uma mais longa e dupla digressão, tanto pelo contexto d' *Os Lusíadas*, levando-nos à Índia portuguesa dos anos em que Camões lá viveu; quanto pelo seu intertexto, levando-nos à vertente dionisíaca iniciada com os poetas greco-latinos e fielmente praticada pelos humanistas luso-italianos, tradição que usava a figura do deus como signo metafórico cifrado de uma dissidência ideológica, de oposição ao avanço da civilização mercantil sobre a vida campestre, bucólica, o que Camões, no Canto I, estância 6, d' *Os Lusíadas*, poeticamente definirá como *Lusitana antiga liberdade*. Observe-se aqui apenas que este é um dos trechos nos quais se denuncia, n' *Os Lusíadas*, a identificação de Camões com Luso e, principalmente, com Baco, *persona* do sujeito poético e solista do coro contraditório cujo regente é o próprio poeta.

Mas, para que dúvida não haja sobre a identificação do poeta com Baco, e da função estratégica desempenhada por este, subliminarmente, n' *Os Lusíadas*, como porta-voz da dissidência que contradita o discurso épico, comparem-se a seguir os versos da estância 81 do Canto VII d' *Os Lusíadas* - que está no meio do referido excurso – a um trecho das Oitavas dedicadas por Camões ao Vice-Rei da Índia, D. Constantino de Bragança.

A estância 81 do Canto VII:

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram!

E a estrofe das Oitavas a D. Constantino:

Rómulo, Baco e outros que alcançaram
Nomes de semi-deuses soberanos,
Enquanto pelo mundo exercitaram
Altos feitos, e quase mais que humanos,
Com justíssima causa se queixaram
Que não lhe responderam os mundanos
Favores do rumor, justos e iguais
A seus merecimentos imortais.

Para encerrar esta breve comunicação, voltemos à já citada sentença de Eduardo Lourenço: “se é fácil falar daquilo de que *Os Lusíadas* falam, já o é menos falar daquilo que são, pois eles não são aquilo de que falam, mas a maneira como disse falam.” Voltemos a esta frase para indagar: como é que *Os Lusíadas* fala da viagem do Gama, esta mais superficial camada do enunciado que ofuscou a tradição crítica, impedindo-a de perceber outros ângulos e aspectos do enunciado e levando-a a desperceber por completo a enunciação d’ *Os Lusíadas*?

Já António José Saraiva e Jorge de Sena demonstravam - antes que o fizessem outros novos camonianos, como Eduardo Lourenço, Stephen Reckert, Vasco Graça Moura e Fernando Gil - que a narrativa d’ *Os Lusíadas* é na verdade um fio duplo, pois, juntamente com a saga pretérita, a viagem do Gama, transcorrida num passado anterior ao tempo histórico de Camões, veicula-se outra viagem, esta atual, contemporânea do poeta. Quando lido *Os Lusíadas* como poema, a viagem que nele se inscreve só aparentemente é uma viagem épica de barões navegantes. Vista em profundidade, é a viagem experimentada e poetizada por Camões, vincada pela afirmação dissimulada de uma dissidência ideológica partilhada com seus pares, e por seus trágico-líricos sentimentos pessoais de revolta e indignação.

Camões propôs-se cantar epicamente os feitos dos barões, e para isto rogou inspiração e força à musa Calíope, mas obstáculos se ergueram à consumação do canto, e as forças declinaram, como o próprio poeta diz, nos versos magistrais das estâncias 8 e 9 do décimo Canto:

Aqui, minha Calíope, te invoco
Neste trabalho extremo, por que em pago
Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Vão os anos descendo, e já do Estio
Há pouco que passar até o Outono;
A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha
Das Musas, co que quero à nação minha.

Ouviu-lhe a musa épica a última invocação e lhe concedeu um derradeiro empréstimo de ânimo eloqüente, a *fúria grande e sonora* suplicada ao início do primeiro Canto. Ânimo que, contudo, arrefecerá no conclusivo *Nô mais, Musa, nô mais*, proferido com *voz enrouquecida* que nos dá conta do épico náufrago, submerso, na altura das estâncias 127 e 128 do Canto X, no *plácido e brando regaço* das águas orientais. Tempo houve para concluir-se o poema e sua viagem. Que, contudo, pretendendo-se canto de navegação épica, modificou-se em trágica submersão.

Natal, 25 de novembro de 2011

(Notas)

¹ SENA, Jorge de. *A Estrutura de Os Lusíadas e Outros Estudos Camonianos e da Poesia Peninsular do Século XVI*. Lisboa: Portugalia, p. 57.

² Id. p. 97.

³ NÓBREGA, Luiza. *O Canto Molhado. Metamorfose de Os Lusíadas (Leitura do Poema como Poema)*. Lisboa: Publidisa/AQVA, 2008.

⁴ LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: D. Quixote, 1988, p. 20.

⁵ Id. p. 147.

⁶ SENA, Jorge de. "Camões: Quelques Vues Nouvelles sur son Epopée et sa Pensée". In : *Visages de Luis de Camões*, p. 146.

⁷ Id. p. 147-48.

⁸ SARAIVA, António José. *Luis de Camões*. Lisboa: Gradiva, 1997, p. 126.



ROSÂNGELA TRAJANO

Leituras Joycianas

Prof Dr João da Mata Costa

UFRN

I - O blue book das eclésias

O Ulisses de James Joyce – o “blue book das eclésias”- é também um livro sobre o amor. Leopold Bloom, o protagonista do romance que revolucionou a literatura universal, passa o dia perambulando por uma Irlanda (terra da ira) decadente, e tem consciência da traição de Molly Bloom. São dezesseis horas e o relógio de cuco toca ... e nessa hora vespéral Molly recebe o amante em casa. “Eles são loucos para entrar de onde eles saíam”, diz Molly. Oito de setembro é o aniversário de sua amada e 16 de junho foi quando Joyce se apaixonou perdidamente por ela. As datas são muito importantes para o aquariano Joyce nascido no dia 02 de fevereiro. O tema do ciúme também está presente na sua única peça “Exílio” e no último conto de Dublinenses “The Dead” . Um dos maiores contos do século XX foi levado às telas por John Huston com o título “Os Vivos e os Mortos” (EUA 1987). No Ulisses, Joyce fala muito através dos sons. O leitor sente prazer e dor ao ouvir o som da trombeta, o suspiros das folhas, o ruído do mar e o som da água escoando no ralo da pia em espiral. A polissemia das palavras valise, da palavra montagem, da palavra ideograma encadeando novos sentidos. Joyce é um alquimista da palavra e a linguagem é o personagem principal desse imenso cipoal cheio de ruídos e labirintos que é esse enciclopédico romance Ulisses. “Deus é um barulho na rua”. “Todos esses ruídos convergiram numa única sensação vital para mim: imaginava conduzir meu cálice incólume, através de uma multidão de inimigos”. Durante o dia 16 de junho Bloom chega a um estado

mental que é mais abnegação do que ciúme. Joyce evoluiu no tratamento desse tema desde suas primeiras criações literárias. É com uma grande pulsão verbal com que Joyce fala do amor numa feerie carnal pulsipulso.

“Ele beijou os fornudos ricudos amareludos cheirudos melões do seu rabo, em cada fornido melonoso hemisfério, na sua riquêga amarelêga rêga, com obscura prolongada provocante melonicheirosa osculação”. Ao fim do episódio de Nausícaa (cap.13), o “relógio de cuco” informa a Bloom que ele é agora um corno. Cuco, cuco, cuco... cuckoo-cloc; relógio de cuco e cuckoldcorno.

No final, Ulisses “retorna” para casa (Ítaca) e encontra Penélope (cama). A mulhervaginabismo onde o homem se perde e jamais retorna. O romance encerra com um pungente monólogo de Molly Bloom. “yes, I said yes I will Yes oui jái dit oui je veux bien. SIM EU QUERO SIMS.

Vagueando por Natal tenho o meu Johnsdays. No restaurante da universidade converso sobre Flaubert. Um grande escritor admirado por Joyce. Alguém que buscou a impessoalidade na sua literatura. Em Joyce, impossível separar a vida do opus. No cemitério do Alecrim entro no reino de Hades e rezo um cantochão na igreja do Galo. Lanço as cartas do Tarot e tiro a carta 15. Blake e “A Canção dos Loureiros” do Édouard Dujardin. Sigo o fluxo de consciência. Caminho por suas ruas e vielas esburacadas très bian aussi. Lembro da escola de pé no chão nas Rocas e da fábrica de pregos das Quintas onde fui menino. Depois olhar o Potengi e namorar na pedra do Rosário.

Em Ponta Negra bato uma brahma. Na Padre Pinto, saindo do bar do coelho, olho o rio que parece o Liffey. Molly Bloom nessa hora deve estar me traindo. Capitu also e Otelo coitado. São quatro horas e nessa hora alguém está sendo chifrado. Tudo que é proibido é bom. Clô telefona para falar de Shakespeare e de Hamlet, a Monalisa da literatura : Words, words, words....cama camisola ave Maria cheia de graxa. Lê em voz muito alta o Finnegans Wake. Literatura de notívagos e bruxos. Fim again Fim. Nunquam satis discitur. O eterno ciclo viquiano do movimento circular divino. Só com compaixão, humor e lirismo vamos conseguir

sangrar os mares desse Potengi desmamado e poluído numa das esquinas do mundo onde meu amigo “foi feliz e se deu bem”. Parafrazeando Stephen Dedalus no Retrato do Artista quando Jovem, de James Joyce, referindo-se á Irlanda, eu diria de Natal (eu que já sou meã: “Natal é uma porca velha que devora suas crias”).

II - Joycircunvulçõesbabélicas

O diacronismo cambiante da navelouca de Bloom—mente—fluxo -feérie-carnal-verbal. Rio (Nossa Senhora) Corrente. Sinfonia de signos. Da cappo. Fim-agains-Fim. Finneganswake. Novamente. *No meio da morte estamos com vida*. Corrida sem vencedor.

Livro-cidade-mulher. Molly Bloom: eles são loucos para me comer. Aíiiiiiiiiiiiiiii. Vai, segue, mete que a vida é só um dia mares. Telemachus vagueia thalasses.

Introibo ad altere dei. Abre verunque as pernas. Porra de des(espertador). Cuco. Cukooo. Cucckolddddd. Sim, eu sei sou corno. E daí!.Ela gostou. Que barulho é esse é Deus ninguém entende. Como uma onda no mar que flui num jorro orgásmico.

Amo-te tântalo. Aligozou. Anna Lívia mais que bela Plurabelle.

Pausa. Depois glissando um chocolate quente. O amor corre consciência. Ela me beijou com seus lábios carnudos divagadamente as moscas copulam. Solidão. Livro- surubalingüística.

Verdeargenteoceanico. Ulisses volta para Ítaca. Ela dorme e ronca desafinadamente em staccato. Do pesadelo tento lentamente despertar. É a história. Um dia todos os dias. Dimensão multi-fractal. A cabeça junto aos pés: Dorme. Sim Thomas de Aquino. Santo Agostinho e todos os filósofos da igreja pecadora. Imagens, urdiduras, palavras nada além que palavras inventadas. O hades esqueço, lotófagos seduzem, proteus bondemeuvelho Liffey. Não sou quem navegabundo.

Joyceglosas Cila e Caribdes. Os caminhos do criador Shakespearou. Flaneur Dublin. Puns popular e erudito. O todo em um romance enigma. O caminho mais difícil são as curvas das estradas sinuantes do corpo. Sinos tocam. É a hora do ângelus Molly. Epifania. Eu sou o alfa-omega-alfa. O caminho e o fim do romance cíclico dessacralizado. Chance?. Nenhuma... “a intuição do amor é apanágio das mulheres”. Romance Amor. Fraulein Molly. Emma Flaubert Bovary c’est moi aussi don Quijote. I am a yhwk Deus.

III- Uma Natal Joyciana

Natal como te amo: leviana? Nem tanto. Escrota? Menos. Muitos disseram assim das suas cidades e mulheres. Natal banhada por rio e mar também tem suas graças um certo charme na sua decadência. Precisa de um grande escritor para traçar suas ruas e becos. Reavivar sua memória esquecida. Salvador teve Jorge Amado. Alexandria teve um Ptolomeu. A Irlanda entrou no mapa do mundo com a escritura de James Joyce. A decadência de Natal tem o rosto da modernidade. Natal sofre com as atuais administrações e com as oligarquias. E são dos resíduos com que se faz a grande literatura. Outros disseram de uma terra desolada.

O que Joyce escreveu sobre a Irlanda eu poderia transportar para Natal. Mas, eu não sou Leopold Bloom e mesmo assim comemoro o bloomsday. A Irlanda também é bebum e ruidosa.

“Terra de uma raça esquecida por Deus e oprimida pelos padres ... a raça mais atrasada da Europa”. Eu também poderia dizer isso de Natal, mas eu não sou Joyce. Prefiro andar por suas vielas e bares. Freqüentar o bar de Zé Reeira e tomar uma cerveja com Zizinho, Ronnie Von e Celina Muniz. Adentrar na garçonnièri de Abimael e conversar sobre o próximo lançamento. Tomar cerveja em Maria Boa e lembrar de todos os porcos boêmios.

Aquela amiga que nunca gozou senão em Mary Good. Sim, eu digo sim. No restaurante tenho pavor daquela mulher que fala comendo. Com os amigos tenho uma grande discussão sobre Flaubert. Um grande escritor admirado por Joyce. Alguém que buscou a impessoalidade da literatura. Em Joyce, impossível separar a vida do opus. No cemitério do Alecrim entro no reino de Lete e rezo um cantochão na igreja do Galo. Lanço as cartas do tarot e leio Blake e “A Canção dos Loureiros” do Édouard Duajardin. Sigo o fluxo de consciência. Caminho por suas ruas e vielas esburacadas três bian aussi. Lembro da escola de pé no chão nas Rocas e da fábrica de pregos das Quintas onde fui menino.

Depois olhar o Potengi e namorar na pedra do Rosário. Em Ponta Negra bato uma brahma. Da boulevard Padre Pinto olho o rio que parece o Liffey. Molly Bllom nessa hora deve estar me traindo.

Capitu also e Otelo coitado. São quatro horas e nessa hora alguém está sendo chifrado. Tudo que é proibido é bom. Clô telefona para falar de Shakespeare e de Hamlet, a Monalisa da literatura : Words, words, words....cama camisola ave Maria cheia de graxa. Lembro do Finnegans Wake que deve ser lido em voz alta e por notívagos. Fim again Fim . Nunquam satis discitur. O eterno ciclo viquiano do movimento circular divino. Só com compaixão, humor e lirismo vamos conseguir sangrar os mares desse Potengi amado e poluído.

IV - O Opus Fin - Finnicius Revém do James Joyce

“Eu odeio as mulheres que não sabem nada” JJ FW, Finnicius Revém na feliz tradução de Haroldo de Campos mantida pelo tradutor brasileiro Donald Schuler, que a traduziu integralmente e foi editada numa edição primorosa pela editora Ateliê em cinco volumes. Romance riorcorrente concluído em 1939 por Joyce após dezessete anos de gestação e experimentação quando foi utilizado mais de sessenta idiomas. Feito de longas palavras “soundsenses” que devem ser lidas em voz alta e

calembours (trocadilhos). Enquanto o *Ulisses* é um livro diurno, o *Finnegans Wake* é um romance da noite e dos sonhos. Nesse romance Joyce utiliza a técnica labiríntica do celebre Livro de Kells (em inglês : *Book of Kells*; em irlandês: *Leabhar Cheanannais*), também conhecido como Grande Evangeliário de São Columba, de Sir Edward O'Sullivan. Um manuscrito Ilustrado com belas iluminuras feito por monges celtas em torno do 800 da nossa era.

O FW é um livro de difícil acesso e poucos conseguem vencer esse imenso cipoal de signos, sons, palavras-valises, trocadilhos, paródia, citações e muita erudição. Joyce é um grande leitor de Giordano Bruno e seus mundos infinitos, do Vico e sua história cíclica, do Alcorão, do Livro dos Mortos, da Cabala, do Livro de Kells, etc, etc. É um livro que pretende traduzir o mundo e conter todos os

ensinamentos. Para o seu biógrafo S. L. Goldberg o livro é um malogro literário artístico e não foram poucos críticos que o execraram. Para penetrar nesse imenso labirinto é preciso ler a sua exegese. Um dos livros que se encaixam nessa categoria é o *Skeleton Key to Finnegans Wake* (NY 1944, Londres 1947) escrito por Joseph Campbell e Henry Morton Robinson. Escreve Campbell e Robinson, na tradução e citação de Dirce Waltrick: Além de ser um sonho confessional, *Finnegans Wake* é também uma Fonte de Mito. Mitos, como sonhos, são um produto da mente inconsciente (...). *Finnegans Wake* é o primeiro exemplo literário da utilização do muito numa escala universal. Outros escritores – Dante, Bunyan, Goethe – empregaram simbolismo mitológico, mas suas imagens eram traçadas a partir do receptáculo do Ocidente. *Finnegans Wake* penetrou no oceano universal.

Um capítulo que resume o opus joyciano, um dos mais célebres e divulgados do FW é o “Anna Lívia Plurabelle, ALP” (Capítulo VIII). Uma tradução desse capítulo acompanhado de uma introdução e estudo pode ser lido no livro da professora Diece Waltrick do Amarante; para ler *Finnegans Wake* de James Joyce” (Iluminuras 2009). Esse capítulo também foi traduzido pelos irmão Campos e reproduzido na tradução

brasileira do Castelo de Axel de Edmundo Wilson. Enquanto o Ulisses é um livro diurno e narra a peregrinação do Sr Flores durante 18 horas do dia 16 de junho, o Finnegans Wake é um livro da noite, dos sonhos e subconsciente que narra a morte e ressurreição do herói. A história do morto que ressuscita é recorrente na literatura e pode ser encontrada em Apuleio, Joyce, Jorge Amado e Ariano Suassuna.

Finnegans é um pedreiro que morre e ressuscita reencarnado na pele de um taberneiro, após ter sido borrifado por uma poção mágica de uísque. Humphrey Chimpden Earwicker mais conhecido pelas iniciais H. C. E., que às vezes é traduzida como Here Comes Everybody é o herói Mr. Todos Nós, ou Sr. TodosNós de Finnicius Revém e percorre o ciclo viquiano do Fim Again Fim (wake, acordar depois do Fin, Fim). Fragmentos do FW foram traduzidos pioneiramente no Brasil pelos irmãos Campos em “Panorama do Finnegans Wake” (1962). Uma tradução elogiada pela crítica especializada que proporcionou pela primeira vez o contato com essa obra inclassificável.

Ana Livia Plurabelle é a esposa de um homem culpado e caluniado, Sr Todos Nós HCE. Anna Livia decide lavar a roupa suja do marido para que ele ressuscite de consciência limpa. Mas ALP transforma-se no rio que absorverá nossas máculas e que depois desaguará no mar. Para alguns críticos Anna é uma alegoria da história. Duas lavadeiras, sentadas em margens opostas, conversam entre si, enquanto lavam a roupa suja. Falam exatamente de ALP e do Sr. Todos Nós, o H. C. E. A medida que o rio flui a história da humanidade deságua no mar e tudo recomeça num ciclo de Vico (ref. Giambattista Vico in “A Ciência Nova”)

Conversa das lavadeiras:

Olha a camisa dele ! Olha que suja ela está ! Ele deixou em mim toda a minha água escura ... Sei de cor os lugares que ele gosta de manchar, sujeito suujo (tradução de Dirce em obra citada).

À medida que o rio Liffey flui (rio Heraclítico como metáfora da mulher) as margens se afastam e as lavadeiras não mais podem se ouvir. Por isso gritam uma à outra palavra em qualquer língua, em todas as línguas. É o

ruído branco da ciência moderna e da física não linear, a junção de todos os ruídos e cores transformadas na cor branca ou no arcoirrissonico joyciano. As lavadeiras já foram associadas como as bruxas de Macbeth, ou com os coveiros de Hamlet. Joyce é um amante da literatura de Shakespeare e toda a sua obra é permeada pelo bardo inglês.

As lavadeiras são mumificadas em Shaun (Pedra) e Shem (árvore). Elas representam a dualidade de todo o ser humano, ou a dualidade indissociável da onda-partícula. As árvores e a pedras são recorrentes no Finnegans Wake e carregadas de simbolismo, podendo significar entre outras coisas a vida e a morte. Joyce gostaria de ter criado uma língua que fosse a junção de todas as línguas e que todos pudessem decifrar... um dialeto da humanidade. Sua última obra é repleta de enigmas instigantes que dialogam com a literatura universal e continua a desafiar a nossa compreensão. Ele não nos enganou quando disse que escreveu uma obra para ser discutida nos próximos trezentos anos.

Dez anos antes de ser publicado o Finnegans Wake (1939) nasceu o físico americano Murray Gell-Mann, ganhador do premio Nobel de Física pela descoberta do quark, partícula fundamental do átomo. O termo quark foi emprestado do FW e a física assim como toda ciência e filosofia podem dialogar com as artes como pensou o demiurgo e revolucionário James Joyce.

Ninguém foge da literatura, porque ela é aquilo que pensamos de um jeito ou de outro, tudo termina no nosso pensar.

Rosângela Trajano

Nivaldete Ferreira

Psilinha Cosmo de Caramelo



EDUFRN
Editora da UFRN

Psilinha Cosmo de Caramelo

Ilustrações:

Da autora

1ª edição

1998

Psilinha Cosmo de Caramelo

Nivaldete Ferreira

(nivaldete@yahoo.com.br)

(Menção Especial no Concurso Adolfo Aizen-União Brasileira de Escritores-Rio-RJ, 1997. Publicado, no mesmo ano, pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Nota

Este livro não conta uma história, conta lembranças e pensamentos. Um destes guarda semelhança com algo pensado por Rubem Alves, na crônica Milho de Pipoca, em que ele lembra que, para se transformar em pipoca, o milho precisa sofrer a dor de ir ao fogo. A personagem Psilinha, conversando com Deus em sonho, ouve dele que o milho, quando queima, vira flor. A aproximação mostra que é possível a mais de um, ou a muitos, desenvolver uma mesma reflexão a partir da observação de um mesmo fato.

1

Acho que eu ia me chamar
Priscila Cosme de Melo,
Mas escreveram *Psila*.
Ficaram me chamando *Psilinha*.

Um dia me levaram ao psicólogo
Porque eu gostava
De conversar sozinha.

Expliquei: -As pessoas grandes
não têm tempo de conversar,
e os meninos e meninas
vivem sequestrados de mentirinha
para não serem sequestrados de verdade.
Quer dizer,
ficam trancados em casa.
Conversar toda vez por telefone
não tem graça.
A gente não vê o olho
nem o desenho que a risada faz na cara!...
Aí fui comer caramelo
vendo televisão...
Ficaram me chamando, então,
Psilinha Cosmo de Caramelo
(Gostei do *Caramelo!*
E eu queria mesmo que o mundo
fosse um pouco doce...)



Mas fui também inventando
umas pessoinhas para conversar...
Foi só isso...
Isso é um problema sério?...
O psicólogo disse que não,
que era a minha necessidade.
E a minha mãe não me olhou mais
daquele jeito. Perdeu o medo...
Ela não pensa mais
que estou ficando... maluquete!

Minha mãe se chama Nina,
não se chama Elisabete.
Ela falou: -Comer muito caramelo
dá gastaria.
Não, não é gastaria. É gastrite!
Mas também dá gastaria:
eu gasto todas as minhas moedas!
E gasto também os meus dentes.
Mas preste atenção:
eu me alimento muito bem!
Adoro salada de tomate com azeite,
bebo muito suco e muito leite
(e não é que fiz uma rima
comestível e saborosa?..)

2

Pra variar os meus brinquedos
me deram uma maquininha fotográfica.
Mas eu queria fotografar
Só o que não consigo ver.
Eu queria fotografar os pensamentos!
Desisti...
Porque eu mesma já pensei
em pregar chiclete
na cadeira do professor de matemática...

3

As pessoas grandes,
quando conversam,
às vezes falam
umas coisas assim... duras... com pontas...

Eu gosto de conversar
coisa de água...
Coisa passando...
Molinha...
Que não fique enganchada
No pensamento, na boca...
Coisa que seja como a gente dizer:
-vá passando, palavrinha,
se desfaça, voe...
Depois a gente faz
outra você...
Blá-blá-blá- b l á g u a...



blá - blá - blá - blá gua...

4

Palavra é o contrário de biscoito.

Palavra a gente desengole.

5

A luz é uma água

amarela e seca

clareando

a cara das coisas...

6

Vi um homem todo limpo,

superperfumado

sujando o mundo

de fumaça.

Eu vi um homem

superfumado.

7

Eu sou duas

toda vez que me olho

no espelho.

Quando saio, a outra vai

pra onde?...

8

O dever de casa...

Eu queria fazer

Um dever de asa...

9

Fiz dois trabalhos

na oficina de arte.

E tirei zero!!!

Porque pintei

o mar amarelo

e esculpi Deus

num caramelo...

10

Tem livro de história,

de geografia, ciência...

E também tem

livro de axila.

Como o livro

do professor de inglês,

que vai acabar ensinando

Axilês... I atchim you!

11

As pessoas inventaram um monte de línguas
e o mundo não conversa direito...

Dá pra ver na televisão:

roc-troc-mof-toc

ra-ta-plan-pum-pum!

Elas falam línguas diferentes:

português, espanhol, francês...

Mas riem e choram em *mesmês*,

quer dizer, do mesmo jeito.

Isso elas não precisam aprender.

E todos os barulhos do corpo

São em *mesmês*.

Ninguém arrota, nem ronca, nem tosse

em chinês.

12

Caos...

Acho esquisita essa palavra.

Talvez queira dizer

pedaços trocados

e um pedaço faltando

no casco

da tartaruga.

13

As letras, esses mosquitinhos

pregados no papel...

Se elas voassem,

a gente ia ler no ar

muita coisa engraçada!

Muita coisa libertada!

14

Às vezes quero dizer

minicoisas. Pó-coisas...

Coisas pequenas.

Assim:

o coração da uva...

15

O gato miou diferente.

Será que foi porque ele comeu o passarinho

e o canto dele?!...

16

Gosto de rir, de risadar.

Mas às vezes fico caladona.

Às vezes sinto um calor no rosto,

às vezes ficam bem vermelhinhas
minhas alfaces... Quer dizer, minhas faces.

Às vezes eu choro
debaixo do chuveiro.

(ou é assim:

às vezes eu chovo
debaixo do chuveiro

ou

às vezes eu choro
debaixo do choreiro?...)

17

Ganhei no último aniversário

um presente que parece

uns óculos de não ver.

Tenho quase medo...

Pego nele

todo dia de manhã.

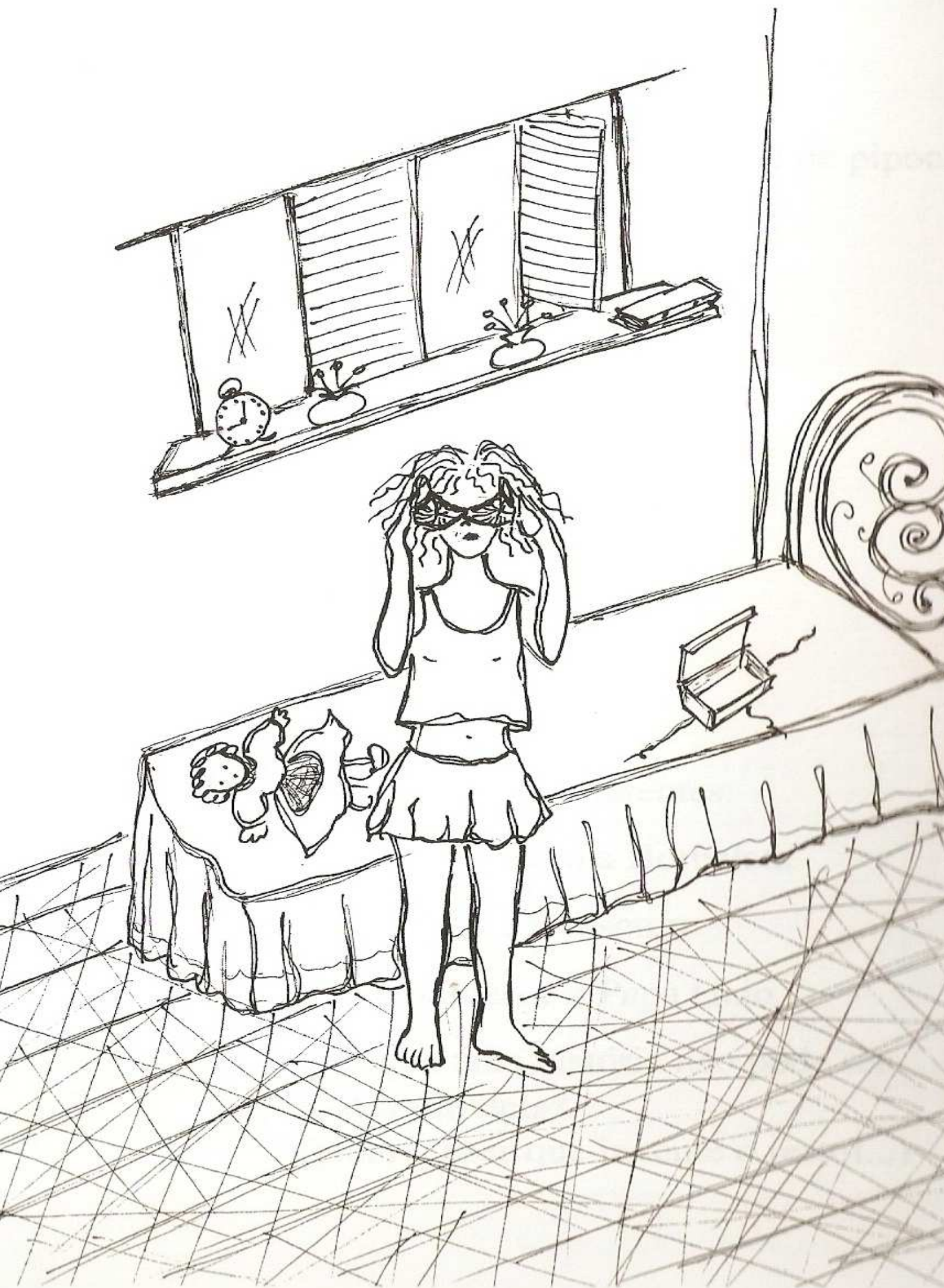
Será que vou virar gente grande

assim que experimentar?

Tãã-tãããã...

Sabe o que é?...

É um... su...ti...ã!



18

Quando a gente acorda

Eenão sonhou,

parece que o mundo tinha morrido.

Começa tudo outra vez...

E quando sonha

parece que a fronha

virou uma maquininha

de fazer coisa impossível.

Uma noite eu comi pipoca

na cozinha de Deus.

Ele escolheu uma bem bonita,

me deu e disse: -O milho, quando queima, vira flor...

Falei: -mas dói...

Deus disse: -dói quando a gente se queima....

E me mostrou uma pipoca no dedo.

Então soprei o dedo de Deus

E passei um pouquinho de nuvem,

depois vim para a Terra voando numa música.

Quando acordei, senti cheiro de pipoca no quarto.

Aí me levantei, fui à cozinha e fiz.

Só queimei seis dedos...

(ia esquecendo: e a panela,

e a maioria das pipocas

voou pela janela...)

19

Planejei escrever umas histórias diferentes:

Seu Borba e dona **Borbaleta**,

O biscoito e o biscum,

O Papa João e o Papa Gaio...

(por que uma história não pó ser

só o título dela?...

Quem quiser invente o resto!...)

20

Olho o retrato

Do casamento dos meus pais...

Eu onde estava?

Mas como é que eu podia estar,

Se eu não era eu ainda?...

Acho que já fui nenhuma coisa...

Mas agora converso com você,

daí que eu existo...

21

Fiz uma casinha...

Pra entrar nela é preciso

Comer a porta.

Pode comer. É tudo chocolate!

22

Minha mãe foi viajar...

Vou fotografar a ausência dela...



23

Acho que ia ser mais fácil

aprender matemática

se a gente misturasse

a gramática dos números

com a das palavras...

Eu sei

Tu seis...

(dessa vez fui *tolentosa* demais!)

24

As pessoas põem as palavras

pra cantar,

pra rezar,

pra brigar,

pra vender,

pra amar,

pra explicar,

pra complicar...

sabe o que vou fazer?...

Vou caramelizar as minhas!...

E você?!...

Livro gentilmente cedido pela autora para
revista Barbante.

Esgotado no mercado editorial.
Com previsão de nova edição para
janeiro de 2013.

Edição especial para revista Barbante.

